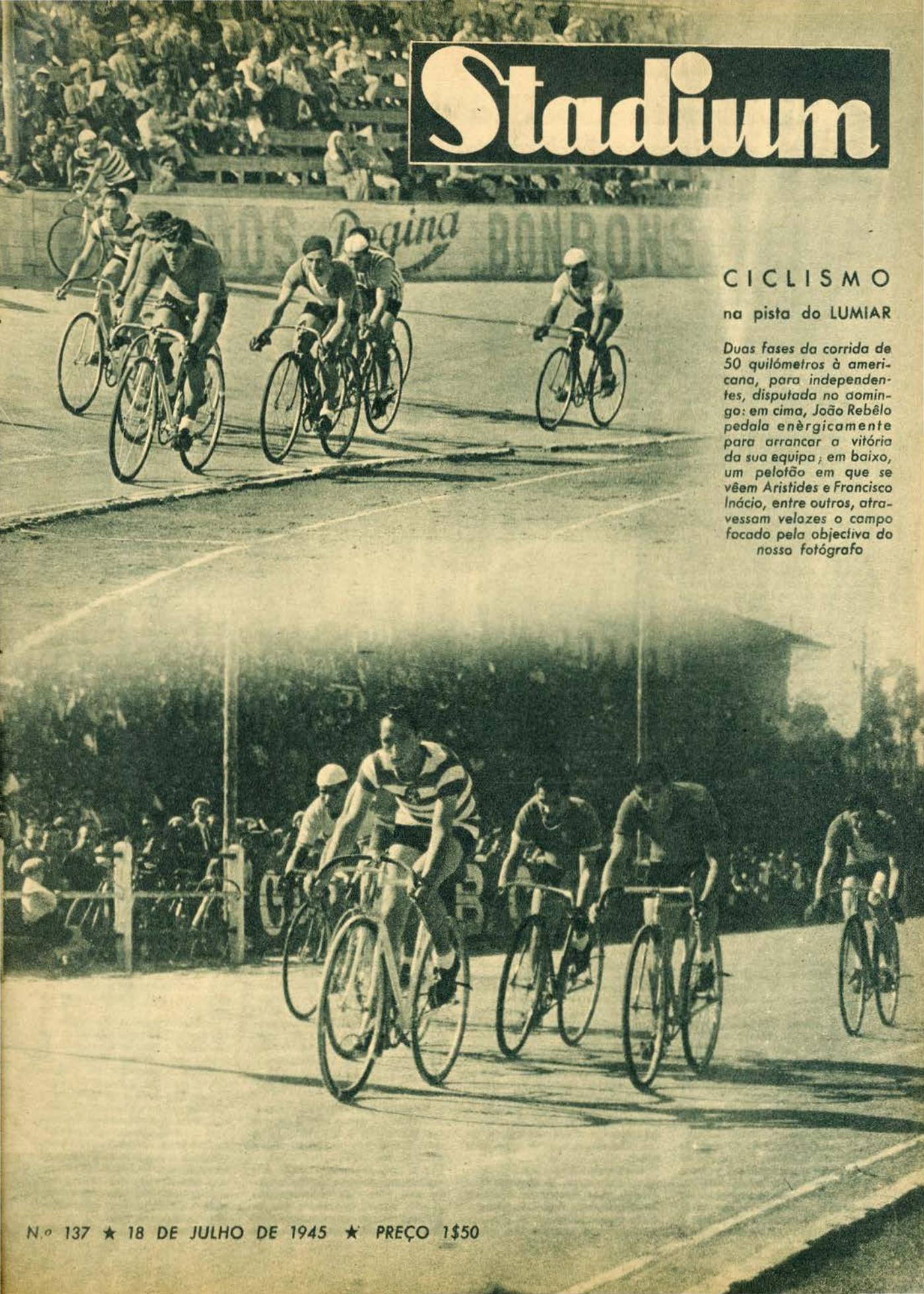


Stadium

CICLISMO

na pista do LUMIAR

Duas fases da corrida de 50 quilômetros à americana, para independentes, disputada no domingo: em cima, João Rebêlo pedala enérgicamente para arrancar a vitória da sua equipa; em baixo, um pelotão em que se vêem Aristides e Francisco Inácio, entre outros, atravessam velozes o campo focado pela objectiva do nosso fotógrafo



O dr. Bento Coelho da Rocha presidente da Federação de Futebol

confia à STADIUM as suas impressões acerca da última época de futebol e tece em redor do popular desporto algumas considerações muito oportunas

A última época de futebol deixou boa impressão em quantos seguem a actividade do popular desporto. Houve interesse pelos torneios e registaram-se períodos de entusiasmo forte. Não há dúvida que o futebol, que o espírito desportivo dos Pinto Bastos trouxe há mais de cinquenta anos de Inglaterra, assentou largos arraiais no nosso País. Nesta época de 1944/45, acabada de encerrar, atingiu mesmo nível de relevo, patenteando que possuímos condições seguras para nos impormos neste desporto.

O grande movimento registado e a realização de jogos internacionais, levando além fronteiras o nome de Portugal, justificou o pedido feito ao sr. dr. Bento Coelho da Rocha: transmitir-nos as suas impressões em relação a alguns dos aspectos mais importantes do futebol português.

O ilustre presidente da Federação de Futebol, com a sua proverbial amabilidade, não só acedeu gentilmente a atender-nos como nos distinguiu com palavras que muito desvanecem quanto trabalham na Stadium.

O sr. dr. Coelho da Rocha recebeu-nos na própria Federação de Futebol e aí nos foi transmitindo as suas impressões, focando até alguns pormenores em conceitos que muito valorizam o nosso propósito: transmitir ao público apaixonado do futebol a opinião e os princípios orientadores do organismo dirigente.

Ao domingo, no futebol —

— meio milhão de pessoas!...

— Cerca de dois anos na direcção da F. P. F. permitem-me, de facto, apreciar, num plano puramente objectivo e com grande soma de elementos, a actividade desportiva do futebol — diz-nos o distinto presidente da Federação.

«Por isso penso que a época foi de grande actividade e trouxe um desenvolvimento progressivo, aumentando o interesse do público e criando-se ou restaurando-se inúmeros clubes, pela provincia.

«Em Lisboa é de notar o esforço do Atlético e do Sport Lisboa e Benfica, cujas tradições de desportivismo se afirmam em realizações cada vez mais progressivas.

«O interesse do público pelo jogo aumentou enormemente e, segundo as estatísticas da Federação, não é errado afirmar-se haver normalmente uma assistência de perto de 500.000 pessoas às competições oficiais de cada domingo de jogo, em todo o País. Significa isto que 8% da população se interessa por esta modalidade desportiva, cheia de emoção constante, mantendo vibrantes os nervos dos espectadores e com atitudes de rara beleza atlética. Este interesse da população cria ambiente favorável ao desenvolvimento do futebol. Por toda a parte aumenta o número de clu-

bes — tendência que tem de ser um pouco travada, pois a «pulverização» de jogadores diminui o valor das equipas e, conjuntamente, o interesse dos jogos.

«Há, porém, que criar ou ajudar a desenvolver boas equipas de clubes na provincia, para que, à semelhança do que acontece no estrangeiro, os jogos entre estas e as da capital sejam equilibrados.

Pedimos depois ao sr. dr. Coelho da Rocha a sua opinião acerca do nível técnico do nosso futebol:

— E evidente que uma boa composição de equipas deriva das possibilidades de recrutamento

dos clubes. O Futebol Clube do Porto, o Sporting, o Benfica, o Belenenses, o Olhanense têm equipas valorosas, cheias de ardor combativo, com regular formação atlética e razoável técnica do jogo — de resto semelhante, uma vez que assenta nos mesmos princípios. Tenho a impressão que só o condicionamento natural dos encontros deu a vitória a um — e por isso não me senti impressionado especialmente por um em relação aos outros.

A orgânica dos torneios deve ser modificada

Ao atingir-se o fim da época avolumou-se mais a necessidade



O nosso redactor ouve o sr. dr. BENTO COELHO DA ROCHA

dos jogadores — e, depois, da sua preparação técnica. O nosso futebol deixa a impressão de ter um bom nível técnico — e afirma-se bem esta opinião ao assistirmos a competições internacionais.

«Não vi nos espanhóis ou nos suíços valor técnico superior ao nosso»

O presidente da Federação expõe-nos a seguir os resultados das suas observações nos últimos jogos internacionais:

— Não vi que os espanhóis ou os suíços demonstrassem valor técnico superior ao nosso. Isto não quer dizer, porém, que não haja ainda muito a fazer neste campo. Pelo contrário: as deficiências existem e prejudicam muito a acção do «team» nacional. Não sei se será possível, sem recorreremos ao estrangeiro, através de treinadores de alta competência, melhorar definitivamente a nossa classe. Melhor do que eu, os nossos técnicos — e alguns temos de muito valor — o poderão dizer.

«Nos clubes da primeira divisão, quer durante o campeonato nacional, quer durante a «Taça de Portugal», não fiquei impressionado especialmente pelo jogo de qualquer dos «teams» dos gran-

de modificar a orgânica dos campeonatos. Como se sabe, o assunto entrou em discussão entre a Federação e as Associações. A propósito, diz-nos o sr. dr. Coelho da Rocha:

— A organização dos campeonatos deve ser modificada. Há necessidade de alargar o número dos componentes da primeira divisão — há necessidade de se cuidar muito bem da preparação do «onze» nacional. Mas tudo isto demanda tempo e o futebol deve jogar-se no nosso clima além da entrada de junho. E tudo isto leva fatalmente à revisão dos calendários, talvez à supressão de determinadas modalidades de competição. A Federação estuda estes pormenores e quer resolvê-los de acordo com as Associações.

A falta de remate e a preparação do «onze» nacional

Falamos do grupo nacional. Procuramos saber algo acerca da sua actividade futura e também se será modificado o sistema sob o qual se tem feito a sua preparação. O presidente da F. P. F. dá-nos o seu parecer, mas antecede-o com uma observação curiosa:

— A minha impressão dos jogos disputados no estrangeiro foi boa — no sentido da correcção e

da técnica afirmada. Notou-se, porém, a falta de remate. Fiquei com a impressão da existência de certo nervosismo no momento decisivo do remate, que, inferiorizando o jogador, o inibia de agir com rapidez e decisão. Parecia surgir um complexo de inferioridade no momento decisivo... O próprio Peyroteo, sempre rápido, perfeito e oportuno na jogada, deu-me a sensação, por vezes, de não se furtar a ele.

«Isto só se corrige através de uma cada vez mais cuidada preparação do «team» nacional, cuja formação e cujo treino terão de assentar em bases tão perfeitas quanto possível. De resto, a pedido da Federação e com a anuência da Direcção Geral, o governo tem em preparação um decreto que muito facilitará a preparação atlética e ginástica dos jogadores, pois não podemos esquecer que o futebol é constituído por uma série ininterrupta de corridas e saltos. Depois, os campos relvados exigem um esforço mais prolongado, incompatível com a falta de preparação física. Ora esta boa preparação dos jogadores é uma das vantagens dos estrangeiros!

As arbitragens são deficientes... Sinalização automática?

Um assunto sempre de interesse: as arbitragens... Eis o que nos disse o ilustre dirigente sobre tão oportuno quanto importante pormenor:

— As arbitragens são, em regra deficientes. É claro que até na própria Inglaterra, onde a calma tradicional da raça não perturba o arbitro, há queixas grandes contra ele... Por isso se procura agora, como na esgrima, um processo de sinalização automática das faltas. Por enquanto, o sistema ainda não tem fóros de aceitável. Por isso temos de continuar com o regime de árbitros, como até aqui. Parece-me, porém, que não devemos melhorar a sua «forma». A Federação, apesar deste sector não lhe incumbir — a Comissão Central é autónoma — não descarta o assunto.

Outra opinião, que responde a uma pergunta feita sobre os juniores do futebol português:

— Os juniores são a fonte viva do futebol. É através deles que os clubes devem criar os seus jogadores dos «teams» de honra. São eles a verdadeira expressão desportiva do futebol. Animá-los, auxiliar por todas as formas a difusão da sua actividade — é um dever que a Federação inscreve entre os seus primeiros deveres.

O auxilio da Federação aos clubes

— Qual o auxilio prestado ultimamente pela Federação aos clubes?

— Diz-se que a Federação é rica... Isto só pode significar que os clubes o são. De facto, a Federação gasta o seu dinheiro em auxilios financeiros aos clubes. Brevemente, pelo relatório da gerência que está a ser elaborado, elucidar-se-á o publico perfeitamente do que afirmo — e então se verá as centenas de contos distribuídas pelos clubes. E como é necessário e urgente arrelvarem-se os campos, a Federação já delibrou enviar circulares aos clubes a perguntar-lhes quanto precisam para, em regime de comparticipação, a obra se realizar.

«Mereceu-nos sempre o maior

cuidado, a maior atenção, o maior carinho a actividade daqueles clubes pequenos que mantêm firme e alta a mais pura mentalidade desportiva. Isto não quer dizer que esqueçamos os grandes — os «biggs» do futebol... Tráem-les agora, para o arrelvamento dos seus campos, a subvenção que for considerada necessária.

As recusas dos espanhóis, o congresso da F. I. F. A. e os futuros jogos internacionais

Acerca destes importantes pormenores na vida do futebol português, o sr. dr. Coelho da Rocha fez-nos as seguintes afirmações:

— Foi com surpresa que verificámos a não vinda dos jogadores espanhóis. Só a podemos explicar por motivos de ordem interna da própria orgânica espanhola. É assunto demasiado melindroso para ser tratado ao de leve e eu penso que, ao ponto a que as coisas chegaram, tem de se dar a palavra à representação diplomática da Nação.

«Quanto ao congresso da F. I. F. A., encontra o óbice da candidatura do Luxemburgo, onde já devia ter-se efectuado, o que a guerra impediu. Continuam, porém, as diligências no sentido de se obter a sua realização em Portugal, não estando ainda perdidas as esperanças. É evidente que a realização deste congresso no nosso País traria vantagens para o desporto nacional, não só pelo prestígio que lhe acarretaria como pelas facilidades de intercâmbio que facultava. De todas as maneiras, o citado congresso, acompanhado de um desafio internacional no nosso grandioso Estádio, constituiria indiscutível acontecimento desportivo mundial, contribuindo deste modo para o conhecimento por toda a parte do desporto português.

«Na próxima época, a Federação tenciona realizar três jogos internacionais — dois em casa e um lá fóra. Mais poderia fazer-se, mas não há possibilidades de tempo.

Foi o Benfica que teve menos jogadores castigados — Impressão geral da época

Era tempo de deixar de abusar da amabilidade do sr. dr. Coelho da Rocha. Mas desejávamos saber ainda o que o ilustre federativo pensava da disciplina em campo e qual a apreciação que fazia, de modo geral, à época passada. Fizémos então estas perguntas — e ouvimos:

— A época que terminou há pouco foi de melhoria sobre a anterior quanto a disciplina do jogo e dos jogadores. O nosso futebol está sendo mais rápido e mais duro. Assim deve ser. O futebol é um jogo de homens e de atletas — tem, por isso, de ser rápido e de ser duro. Note-se, porém, que que duro não quer dizer perigoso e que os jogadores devem ter o máximo cuidado em não transpor as fronteiras da dureza. Dos clubes da primeira divisão foi o Benfica que viu menos jogadores castigados. Não se verificou a necessidade da aplicação das grandes penalidades que no ano passado feriram clubes e campos. As que se verificaram, consequências de lastimáveis desmandos, ressentiram-se muitas vezes das más arbitragens, o que, não as justificando, até certo ponto as explicam.

«O público tem de se habituar a

A opinião dos leitores da STADIUM...

Qual o melhor jogador de futebol na época de 1944-45

Fernando Peyroteo e Francisco Ferreira à frente da classificação

STADIUM oferece uma taça ao vencedor e uma festa desportiva aos leitores que votem neste inquérito

A iniciativa de perguntar aos nossos leitores «Qual o melhor jogador de futebol na época de 1944/45» encontrou o melhor acolhimento.

Quem há por aí que não goste de dar a sua opinião? Pois foi sob este pensamento que formalámos aquela pergunta, dando oportunidade para que os leitores passem à prova o seu espírito de observação.

Desde o último número da *Stadium* que todos os dias nos chegam as respostas a este inquérito. Vai travar-se uma luta interessante, adivinhamo-lo, e surgirá certa expectativa, pois vemos dois elementos popularíssimos no jogo da bola arrancando as preferências da maior parte dos votantes.

Ao fim deste inquérito, que será rápido, os leitores da *Stadium* terão eleito o seu ídolo — e ao mais votado será entregue, como recordação, uma taça oferecida pela nossa revista. E desde já anunciamos que esse acto, embora se rodeie de simplicidade, há-de ter um ambiente de festa desportiva, dedicada aos que nos enviaram o seu voto. Assim, se ao jogador oferecermos uma taça, ao votante proporcionamos uma festa — um pequeno sraaz desportivo, que há-de ter aspecto de popularidade e de confraternização entre os amigos do desporto.

Dia a dia temos anotado cuidadosamente os votos enviados. Até agora pertence a Francisco Ferreira, o popular «Chico» do Benfica, e a Fernando Peyroteo, o fulgurante avançado-centro do «team» nacional, o maior número de votos. São eles, segundo o balanço destes primeiros dias, que levam a palma das preferências.

Alguns bilhetes que recebemos trazem saudações especiais e palavras de grande entusiasmo pelo jogador a que se destina o voto.

Até o momento em que fechamos este número da nossa revista, o inquérito apresentava o seguinte movimento de votos:

Peyroteo	106 votos	Quaresma	3 votos
Francisco Ferreira. 102 »		Cardoso	3 »
Gomes da Costa ... 18 »		Cabrita	2 »
Feliciano	11 »	Rafael	2 »
Manuel Marques ... 7 »		Espírito Santo	1 »
Azevedo	3 »	Gospar Pinto	1 »
Capela	3 »	Rogério França ... 1 »	

Os nossos leitores devem indicar, no bilhete em que nos comunicam o seu voto, a respectiva morada, para que na altura do festival da entrega da taça lhes enviemos os correspondentes convites.

ser mais calmo e a compreender que a desordem só pode prejudicar os seus apaniguados. Os jogadores são em regra correctos e, salvo poucos casos lastimáveis, pode dizer que o nível de disciplina do nosso futebol é do melhor.

«Por tudo, a última época deixou-me boa impressão. Talvez os clubes, por vezes, fôsem menos compreensivos quanto à nossa acção, mas creio bem que se examinarem as questões sem paixão clubista, mas com perfeita objectividade, acabarão por dar razão a quem, por força da lei, tem o duro dever de castigar. Um natural sentido de independência clubista tem deformado, a espaços, as questões, esquecendo-se que o desporto constitui hoje uma instituição hierarquizada e que autonomia não é independência. Tem de haver inter-dependência, tem de haver mútua compreensão, tem de haver lealdade nas relações, seriedade nos processos, calma nas resoluções dos problemas.

«Afirma-lhe isto quem no futebol está de passagem, quem não tem qualquer espécie de interesse ligado ao futebol, quem ao fute-

bol tem dado algum esforço e recebido como recompensa desgostos, aborrecimentos, maçadas. E aqueles que porventura invêjassem um passeio à Suíça, eu preguntarei se vale a pena viajar 10 dias seguidos em combóio, para estar três naquele país — tendo ainda gasto 21 horas de Paris a Basileia, em combóio, sem cama e mais cheiro que um «eléctrico» da Estrêla às 15 horas...

O sr. dr. Bento Coelho da Rocha fechou assim as suas considerações — e assim fica apreciada da melhor maneira, com valiosa série de opiniões, a última época de futebol.

A ideia da *Stadium* ao solicitar uma entrevista ao distinto presidente da Federação — com o objectivo de melhor propaganda do futebol e sua interpretação são por parte das multidões que o popular desporto arrasta com o seu dinamismo — ficou valorizada e prestigiada através das judiciosas considerações do sr. dr. Bento Coelho da Rocha, a quem testemunhamos os nossos expressivos agradecimentos.

FERNANDO SA

«TENNIS» DE MESA

O BENFICA

concluiu a época com brilhantismo

«Tennis» de mesa é um jogo ao alcance de quantos queiram ser ágeis, desenvolver o tronco, o braço e o golpe de vista. A disciplina dos nervos também entra nos jogos de «tennis» de mesa. Ora esta modalidade, que não exige contactos, luta de corpo a corpo, é hoje praticada com entusiasmo em cidades e vilas — e até em modestos aldeões.

Isto é sabido. Por ser assim, apenas surpreende que poucos centros concorram a campeonatos regionais ou nacionais. Um bom praticante pode aparecer em qualquer parte onde haja «campo próprio». É este «campo», como se sabe, não obriga a extraordinárias despesas. É uma questão de boa vontade...

A despeito de tudo isto, Lisboa tem-se mantido em nível superior — mesmo em relação ao Porto. Apenas este ano esteve em perigo perante o Académico, campeão portense, na última jornada do campeonato nacional. Vale a pena uma referência ao caso.

Os portuenses chegaram a 3-1 e o dr. Trem Torres teve ocasião de fazer 4-1 — que seria a vitória dos académistas. Nesta altura, os lisboetas conseguiram fazer 4-3 e o portuense Mário Guimarães chegou a impor depois um empate de 1-1 no jogo seguinte; no desempate, depois de 16-4 e 19-16 — veio a consentir que o adversário fixasse a vitória final da equipa do Benfica, por 5-3.

Superioridade nortenha? Nada disso. O Benfica, com o excelente jogo de O. Ramos, domina ainda.

Nesta primeira tentativa da Federação, tudo correu o melhor possível. O público e os concorrentes interessaram-se pela prova — e isto demonstra insofismavelmente que não faltará ambiente no próximo campeonato. E se o fizerem disputar de outra maneira? Em «poule», por exemplo? Talvez não lósse disputado convidar outros centros, com eliminações regionais — como se faz no campeonato corporativo. Além de provocar possíveis revelações, poderia dar-se ainda o caso do sistema auxiliar a indispensável propaganda.

Para já, entretanto, deverá dizer-se que o último campeonato nacional, que o Benfica conquistou com dificuldade mas justamente, serviu de admirável «pedra de toque». O «tennis» de mesa provoca emoção. Para o praticar, é preciso ser forte — embora pareça o contrário. Lata-se. O cérebro e a preparação física dos praticantes são constantemente postos à prova.

Depois de se disputar o campeonato nacional por equipas — efectua-se uma «poule» entre praticantes convidados pela A. B. B. de Lisboa. Troféu a conquistar: — a «Taça de Honra». Oliveira Ramos, excelente jogador do Benfica e também campeão nacional, foi o vencedor. A «taça» não podia ficar em mãos mais seguras.

Stadium

Corrija o seu ESTILO

84 - António Mendes, campeão nacional de Júniores

1 - A bacia está recuada em relação ao pé da frente (centro de gravidade atrasado), erro grave e comum à grande maioria dos nossos lançadores de peso. A causa da falta reside na extensão e impulso insuficientes da perna da rectaguarda (2), que no caso presente se traduz mais ainda pelo insuficiente avanço da anca direita em relação à esquerda. O eixo transversal da bacia devia estar perpendicular ao sentido de projecção. O impulso da perna direita é algumas vezes dificultado na medida do necessário pelo exagerado afastamento dos pés (3).

(4) - O tronco está inclinado à rectaguarda, quando já devia neste momento (repare-se em 5 que o peso já partiu do ombro) estar completamente avançado ao plano do apoio anterior, para oferecer ao impulso lançador da extensão do braço a solidez de apoio resultante do aproveitamento do peso do corpo (ponto de projecção do centro de gravidade adiantado ao ponto de apoio no solo).

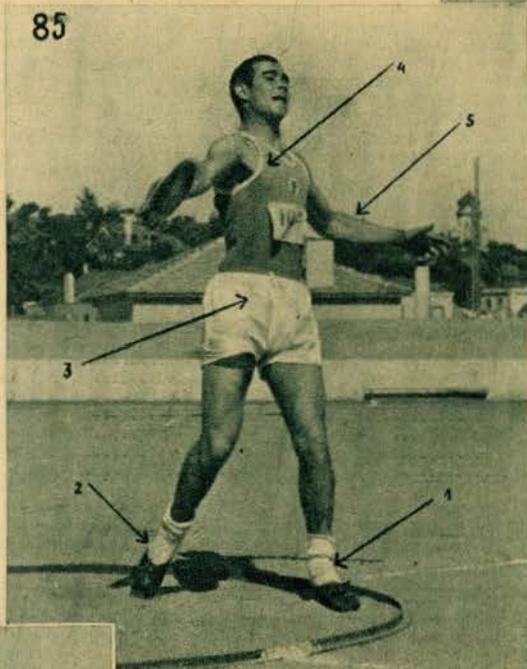
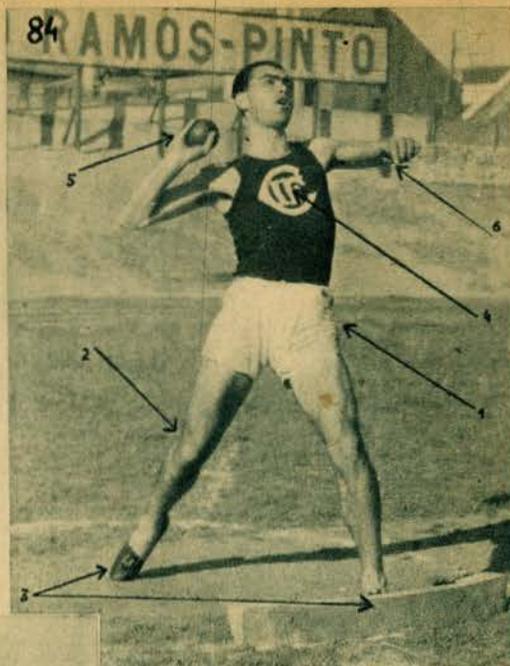
5 - A posição do cotovelo, afastado lateralmente e ao nível do ombro, é boa, mas a coordenação de movimentos parece precipitada, pois a mão partiu do ombro antes da extensão do tronco e da rotação completa da cintura escapular.

6 - O cotovelo esquerdo prepara-se para ajudar o avanço e subida do ombro direito, puxando fortemente para trás e para baixo, mas vai atrasado na sua acção relativamente ao momento do exercício em que se encontra o outro braço.

85 - Eduardo Matos, campeão nacional Júnior

1 - A posição dos membros inferiores reflecte o mesmo erro apontado para o caso anterior; não esqueçamos que a atitude final é fundamentalmente semelhante nos dois

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes



lançamentos, embora a dinâmica correspondente divirja. O pé esquerdo assenta mal no solo, com o bordo externo paralelo ao círculo, quando devia estar perpendicular; o joelho não está estendido e a anca mantém-se recuada.

2 - A perna direita está praticamente alheada do esforço de projecção e o pé assenta muito desviado para além do diâmetro de rotação, prova de desequilíbrio durante a pirueta preparatória.

3 - A bacia não se colocou de face para o campo de lançamento, precedendo, como devia, a distorsão do tronco e dos ombros; a colaboração dos músculos rotadores é assim dispendiosa e a culpa é da ausência de impulso da perna direita.

4 - Também o tronco não precedeu na distorsão o avanço do braço, limitando-se a acompanhá-lo, com evidente prejuízo de força e velocidade, no gesto final.

5 - O culpado é, na maior parte, o braço esquerdo, cuja acção propulsora para a rectaguarda é inexistente.

86 - Armando Albuquerque, campeão nacional Júnior

1 - Das três posições comentadas é a menos irregular. A perna da frente está quasi espedada, afim de servir de travão à corrida e de transmissora da aceleração ao apoio do braço. No entanto, a fotografia dá a impressão de haver sido curta a última passada.

2 - A perna da rectaguarda, concluída a sua fase de apoio, arrasta pela ponta do pé, auxiliando a travagem, mas...

3 - ...a posição da bacia demonstra o mesmo erro apontado aos casos anteriores: insuficiente rotação para a esquerda (as duas ancas deviam estar já no mesmo eixo transversal), a preceder o impulso toraco-escapular e oferecer-lhe sólido ponto de apoio.

4 - A posição dos braços e da cabeça satisfaz; o dardo é bem puxado por cima do ombro mas parece com a ponta demasiado desviada para cima. O eixo do dardo não deve coincidir com o sentido da resultante das forças de impulsão do braço, o que prejudica bastante o lançamento no alcance da trajectória.

86



O AEROMODELISMO EM PORTUGAL

escolhido o professor espanhol D. Henrique Helena Olmo, que regeu com ótimo êxito dois cursos, e trocadas pelo Secretariado da Aero-náutica Civil. Já lhe fizemos referência, há dias.

O primeiro reuniu 16 alunos e o segundo 13. Findos os trabalhos apuraram-se 7 directores de escola (título máximo a conceder), 20 instructores de 1.ª classe e 2 de 2.ª classe, os quais deverão leccionar e propagandear o aeromodelismo pelos principais pontos do País.

No dizer de D. Henrique Olmo, estes 29 alunos eram do melhor que jamais houvera encontrado na sua vida de professor, sendo importante informar, também, que tendo sido escolhidos entre os melhores de Portugal havia desde artifices manuais a indivíduos com cursos superiores.

Está-se procedendo à montagem de 20 escolas e alguns centros regionais de aeromodelismo, cuja acção será decisiva e excelente.

É digna de registo a circunstância de, pelo apuro da técnica construtiva, se terem obtido, em Portugal, «máximos» que noutros países ainda não foi possível realizar com aparelhos de maior categoria. Assim, é com orgulho que registamos o facto de aeromodelos francamente elementares já terem excedido duas horas de voo ininterrupto, percorrendo distâncias que, medidas em linha recta, ultrapassam 30 kms!

Não só pela orientação seguida nos trabalhos como pelo apuro e entusiasmo do pessoal responsável, é crível que o nosso País figure em concursos internacionais numa posição destacada e brilhante.

Parece-nos de grande vantagem para a propagação do aeromodelismo organizar um grupo seleccionado de demonstradores, viajando com frequência pela provincia e realizando conferências, acompanhadas de projecções cinematográficas, expondo aeromodelos à curiosidade popular e efectuando demonstrações de lançamentos no campo.

A criação de uma «consciência» e de um «sub-consciente» aeronáutico é a melhor garantia que pode ser dada a favor da aviação e do seu progresso futuro.

O aeromodelismo é o alicerce fundamental dessa obra e o seu ponto de apoio.

Há dias realizou-se no campo de aviação da Amadora um ensaio de lançamentos de aeromodelos. Estiveram presentes, além de outras pessoas, o major Humberto da Cruz, o major Reis, comandante do Batalhão de Carros, Domingos Lima Ribeiro, técnico oficial do S. A. Civil, os alieiros Aguiar e Peixoto, o professor Adão, instructores de aeromodelismo, oficiais do Batalhão, etc.

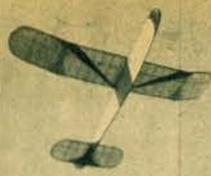
Durante algumas horas, a assistência presenciou e seguiu com permanente interesse o lançamento e o voo de vários aeromodelos.

O fotógrafo da STADIUM fixou alguns episódios flagrantemente do acontecimento e que acompanham estes comentários.

Também se experimentou o tiro anti-aéreo contra aeromodelos e desnecessário se torna encarecer a importância e as vantagens que isso traz à preparação das tropas, tanto na manobra rápida do material como na apreciação dos desvios das trajectórias de tiro.

R. Barradas

1—O pequeno modelo acaba de ser projectado no espaço; 2—uma aterragem impecável; 3—O major Humberto da Cruz com um curioso modelo; 4—O redactor da Stadium ouve algumas interessantes informações sobre os modelos utilizados; 5—A assistência, embora reduzida, teve boa representação por parte dos aviominuturistas de amanhã...



A arte científica que ensina a construir aeromodelos e a conhecer as leis que regem o seu voo, chama-se aeromodelismo.

Um aeromodelo, por sua vez, é todo o aparelho de dimensões reduzidas, imitando no aspecto externo um avião, capaz de voar em determinadas circunstâncias.

Explicados os dois termos que, por serem neologismos de recente factura, decerto impressionaram o espírito do leitor, cabe-nos falar da importância deste ramo particular da aeronáutica.

Quási nenhum país civilizado e progressivo, desde a Alemanha, a Itália e a Rússia, até à nossa vizinha Espanha, deixou de reconhecer no aeromodelismo o fundamento e a base essencial do ensino da aviação. Assim, como na instrução científica e literária se consideram etapas de acesso e desenvolvimento o curso primário, o secundário, os superiores e, fora destes, as especializações, também na ciência aeronáutica podemos registar outras tantas fases correspondentes: o aeromodelismo, o voo à vela, ou sem motor, e o voo com motor. Deste último se obtém, nas escolas de aperfeiçoamento os engenheiros construtores, os pilotos de guerra, os navegadores, etc.

O aeromodelismo, que outrora e há bem pouco era mais conhecido por «aviominiatura» constitui, pois, o ABC e as quatro operações fundamentais de uma arte e ciência de grande futuro. Preocupa-se, minuciosamente, com a maneira particular da técnica construtiva e ensina pela intuição as leis de voo dos aviões.

Numa frase curta mas explícita, pode afirmar-se que o aeromodelismo consegue insinuar nas crianças e adolescentes uma «consciência aeronáutica» exacta.

Em Portugal, há muito tempo que a iniciativa particular se abalançara no fabrico e estudo de aviominiaturas. Todavia, foi reconhecida a vantagem de se convidar um técnico estrangeiro para coordenar e unificar os métodos de ensino. Foi

Uma "revolução" no futebol português

Concordam com o alargamento da 1.ª Divisão? Para 12 ou para 14? E quanto aos Campeonatos Distritais?

As 6 Associações vão responder...

O futebol português evoluciona. E em todos os aspectos, em uns mais apressadamente do que em outros. Por exemplo, no domínio da técnica e fática do jogo, a evolução é evidente. Não há que negá-la. Desde o ensino do jogo, hoje mais vulgarizado e dirigido por pessoas que exclusivamente se dedicam à profissão, à afirmação prática em campo, tudo é diferente do passado. Lógicamente diferente. Também quanto ao aspecto da organização, cujo principal factor se pode considerar a elaboração dos campeonatos e sua arrumação, se tem progredido, dando-se o grande passo com a criação do Campeonato da Primeira Liga, modernamente transformado no Nacional. A modificação que vem operando-se no futebol português gerou um estado propício às grandes revoluções. E' de uma revolução que nesta altura se trata, com a projectada remodelação dos Campeonatos Nacionais.

Que se pensa fazer? A Comissão Administrativa da Federação de Futebol tem entre mãos um Projecto, em que há muito tempo trabalha, baseado nos seguintes princípios:

- Eliminação dos campeonatos regionais.
- Criação de uma Primeira Divisão com 14 clubes (Lisboa 5, Pôrto 2, Braga 2, Setúbal 2, Algarve 1, Coimbra 1 e Aveiro 1).
- Criação de uma Segunda Divisão de 32 clubes, isto é, quatro zonas de 8 (zona A: Braga 3, Vila Real 1, Pôrto 4; zona B: Aveiro 3, Coimbra 3, Viseu 1, Leiria 1; zona C: Lisboa 4, Setúbal 2, Santarém 1, Castelo Branco 1; zona D: Portalegre 1, Évora 2, Beja 2, Faro 3).
- Acesso do campeão da Segunda à Primeira Divisão.
- Criação de uma Terceira Divisão compreendendo duas fases: a primeira, de apuramento, confiada às associações; a segunda, já sob a alçada federativa.

No aspecto financeiro:

- Redução das percentagens para a Federação.
- Manutenção das taxas especiais por bilhete para as Associações nos desafios da Primeira Divisão, o fundo de auxílio aos clubes da Segunda Divisão.
- Isenção de percentagens para a Federação nos desafios da Segunda e Terceira Divisões.

A Federação de Futebol convidou as Associações de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Setúbal, Braga e Faro, para uma reunião, na sede do Organismo. Todas as Associações convocadas compareceram, dando-se a circunstância de se terem feito representar por dirigentes das próprias Associações. Isto significa expressivamente que elas compreendem a importância da remodelação que se avizinha. Podendo acrescentar-se que, pela forma como decorreu a troca de impressões, não estão dispostas a desempenhar um papel passivo na Organização. Assistiram todos os membros da Comissão Administrativa. O sr. dr. Bento Coelho da Rocha, presidente, abriu a sessão com as palavras necessárias, colocando a questão nos seus aspectos fundamentais e afirmando ao mesmo tempo a posição da Federação no assunto. Depois, no desenvolvimento da matéria, os srs. drs. Virgílio Paula e Vicente de Melo foram os que tomaram parte mais activa na discussão, mantendo-se na expectativa os srs. drs. Faccó Viana e Mário de Oliveira.

Deve registrar-se desde já uma coisa. Os dirigentes das Associações exprimiram com sinceridade e desassombro os seus pontos de vista. Não se temeram. Nem titubearam. De modo geral, a discussão decorreu com elevação, trocando-se, no entanto, de quando em vez, uma outra frase mais ríspida e de sentido mais agudo... Os dirigentes não se dispensaram da troca de *piropos*. Sempre que a oportunidade surgiu...

Mas a reunião foi utilíssima. Era, de resto, indispensável. Serviu para as Associações se inteirarem das medidas em projecto, e para a Federação ficar conhecendo o pensamento dos seus filiados, e mais ou menos a forma como o Projecto vai ser acolhido nas Associações.

Estas não estavam preparadas para tratarem amplamente do assunto — conhecido *in loco*. Sabemos lá o que pensam de tudo isto os clubes que, no fundo, representamos e que nos cumpre defender — afirmaram. Mas sempre foram dizendo alguma coisa.

A discussão andou à volta de assuntos agrupados da seguinte forma:

— Eliminação dos regionais; constituição da Primeira Divisão (quanto ao número total e à designação dos concorrentes); fórmula da Segunda Divisão; aspecto económico do Projecto; posição moral e desportiva das Associações Distritais.

Apenas duas Associações, Braga e Aveiro, aquela completamente e sem quaisquer restrições, concordaram com o Projecto.

O delegado de Braga afirmou: *Concordo com tudo.*

Logo outro delegado comentou: *Pudera. Satu-lhe a sorte grande...*

Isto demonstra que os Delegados, em questões tão particularmente delicadas, nunca perderam o bom humor!

Os delegados das restantes Associações, com particular destaque de Lisboa e Pôrto, rebateram, ou procuraram rebater, muitas das afirmações produzidas pelos autores do Projecto, mostrando as condições de vida dos seus organismos e a influência perniciosa que as medidas

em perspectiva podem exercer no seu desenvolvimento e actividade.

O primeiro grande problema respeita aos campeonatos regionais. E' vital, ou assim considerado, para as Associações de Lisboa e Pôrto, já que, no que se refere às restantes, a supressão parece ser vista com agrado.

Lisboa e Pôrto afirmaram em síntese: Que necessidade há de nos dar cabo de um Campeonato que mantinha a população desportiva das nossas regiões com o maior interesse, tirando-nos uma grande fonte de receita (o Campeonato de Lisboa rendeu esta época um pouco mais de mil contos)?

...E' evidente que, com a sua supressão, desaparecem ao mesmo tempo as Associações Regionais, que não encontram na realização dos campeonatos das categorias inferiores, dos juniores e de iniciados razões bastantes de vida.

Garante-nos a Federação que os clubes receberão uns mil contos da safra associativa?

Trata-se, sem dúvida, de um problema. Evidentemente, para as outras Associações ele não existe, dado o escasso valor e rendimento desses torneios. Nessas, vigora o seguinte princípio: convém-nos mais que os nossos clubes defrontem clubes de terras diferentes, com a alegria dos entusiasmos, rivalidades e receitas, do que vivam como vivem, como que tristes e emparedados.

Outro grande problema subdivide-se em várias partes:

- Primeira Divisão com 14 clubes ou com 12 clubes?
- Critério de escolha dos clubes que, em qualquer das hipóteses, deverão constituir a Primeira Divisão?

Todas as Associações, de um modo geral, concordariam com 12 clubes. E, manifestamente, o estado actual do futebol português não justifica um maior alargamento. Catorze clubes, como os lugares se encontram distribuídos, nem serve o futebol no ponto de vista de expansão (visto entrar somente uma Associação que ainda se não encontrava representada) nem sob o ponto de vista desportivo, pois se trata de um recrutamento deficitário e que não vem trazer brilho à Prova. O sr. dr. Virgílio Paula afirma que uma Primeira Divisão, tal como se encontra organizada, é o campeonato dos melhores clubes portugueses. Mesmo nesta orientação, é evidente que o critério não tem defesa.

Doze clubes — era a boa fórmula. Os dez que já estavam na Prova, com mais dois de novas Associações, Aveiro e uma outra, que bem poderia ser do Alentejo, tão esquecido até hoje...

Não concordando com 14 clubes, muito menos concordaram com a distribuição dos concorrentes.

Preteende adoptar-se o figurino do futebol espanhol. Mas quando se vê aquele, e se faz a comparação com este, reconhece-se que não há sequer parecenças.

Lisboa e Pôrto marcaram um ponto de vista nobre. Que interessa a Lisboa mais um concorrente, se outros dos seus clubes vão ser prejudicados? De resto, com o acesso do campeão da Segunda Divisão, sem qualquer restrições, dentro de alguns anos bem poderá acontecer que o Campeonato Nacional se limite à capital do país...

A inclusão de dois clubes de Braga foi objecto da mais viva crítica. Se todos concordaram com a entrada de Aveiro e o aumento setubalense, todos discordaram dos 2 de Braga. Porquê?

E logo o Pôrto: é claro que a nossa Associação não pode ficar com o mesmo número de Braga, e portanto queremos 3.

E logo Coimbra: se Braga tem dois, sentimo-nos com mais direitos e também pomos a nossa candidatura.

E logo Algarve: julgamos o Algarve com um valor desportivo muito superior ao de Braga. Assim o demonstra: a nossa intervenção no Campeonato Nacional; a nossa contribuição no que se refere a jogadores, e mesmo a internacionais; a importância e igualdade dos nossos clubes; a existência de bons campos. E não nos venham com o papão da distância: Braga fica mais longe do que Faro.

Curioso. As Associações, mesmo Lisboa e Pôrto, concordaram com os pontos de vista apresentados pelo delegado da Associação de Faro.

Uma decisão que provocou também reparos. Serem as Associações a designarem os seus representantes, ou por escolha ou através de um torneio eliminatório, e necessariamente precário. Interpretação disto: tranquilidade para a Federação; o papel difícil, e um pouco odioso, para as Associações.

Procuramos dar a conhecer — possivelmente, exprimimos com deficiências vários pontos — o que é o Projecto de remodelação dos Campeonatos Nacionais, os trabalhos levados a cabo pela Federação e o pensamento das Associações Distritais. Pessoalmente, emitimos também um ou outro juízo com objectivo de esclarecimento.

Em questão de tanta monta, as Associações e os clubes, todos nós, devemos tomar parte no debate. A Federação de Futebol, que tão somente pretende servir de interesses do futebol, não pode deixar de ouvir esses interesses. Que, de resto, lhe cumpre defender.

Parece-nos que o Projecto carece de rectificações. A fórmula dos Doze é a que melhor serve. Como escolher os concorrentes? E é por isso que se deveria dar uma época de transição, estabelecendo-se já as regras essenciais e dando-se tempo conveniente para um estudo detalhado da questão. Já não haveria lugar para injustiças, e para algumas soluções, certamente bem intencionadas, revestirem aspectos de favoritismo. Sempre tão desagradáveis para todos!

Quere dizer: na reunião da Comissão Administrativa da Federação

Novos «records» nacionais

estabelecidas na pista do Lumiar nos dois últimos festivais ali efectuados

A inclusão de algumas corridas pedestres no festival nocturno do passado dia 12 foi uma iniciativa muito feliz, destinada a grande êxito quando na pista comparecerem representantes dos diversos clubes praticantes do atletismo.

A experiência foi concludente e a sua repetição servirá eficazmente a propaganda da modalidade e a boa forma dos atletas, a cujo aperfeiçoamento é indispensável a competição frequente.

O público, apesar de praticamente não haver luta na pista, pois só compareceram sportinguistas, cujo único adversário foi o tempo, animou-se com as corridas e aplaudiu com gosto. Seria vantajoso para futuro estudar o problema da iluminação, de forma a fazer incidir mais directamente a luz dos projectores sobre a pista de atletismo.

Correram-se duas estafetas e uma prova de dois quilómetros, batendo-se um «record» nacional e estabelecendo-se outro. Na prova de 10 X 100 metros a equipa sportinguista, formada integralmente por seniores (Manuel Mendes, que para o ano não poderá praticar, subiu de categoria) fez o percurso em 1 m. 54,2 s., melhorando de cinco segundos a marca precedente, do Académico. O mesmo agrupamento pode conseguir tempo mais baixo, na casa dos 52 s., porque as passagens de testemunho foram quasi todas más, péssimas aquelas entre os corredores especializados.

O tempo de 1 m. 7,35 s., alcançado na estafeta sueca por Artur Dias, João Jacinto, Núncio e Lourenço, é o primeiro oficialmente registado, mas é também o melhor até à data obtido em Portugal (precedente mínimo, 1 m. 9 s. pelo Sporting, no festival de encerramento da época passada, na pista do Lima). A equipa ficou também atrás do que pode (só Jacinto fez boa prova) e a transmissão Núncio-Lourenço foi desastrosa.

Finalmente, o jovem Afonso Marques fez nos 2000 metros uma corrida energética, contrariada pelo vento fortíssimo e pela ausência de adversários ou referências, gastando 5 m. 56,6 s., terceiro tempo português e segura indicação das suas aliás já reconhecidas possibilidades.

Três novos «records» na jornada de domingo

As provas incluídas no festival de domingo tiveram já o aliciante da presença dos atletas benfiquenses e os resultados das corridas foram plenamente favoráveis, pois levaram à queda de três «records» nacionais. Em tô-

das houve luta e interesse para o público, sobretudo na estafeta 10 X 200, na qual a vantagem oscilou de equipa para equipa e só se fixou nos percursos finais.

A organização falhou bastante na sequência das provas — esperámos quasi meia hora que chegassem os sportinguistas concortes aos 4 X 1000 metros — e este pormenor é afinal facilimo de remediar com mais perfeita colaboração entre os membros do júri, um dos quais agiria nos vestiários para reunir os participantes a uma prova, enquanto se disputa a anterior.

A corrida de Eleuário e Camões nos 200 metros barreiras decorreu com vantagem do segundo até ao último obstáculo, mas desequilibrou-se ao transpô-lo e não resistiu ao possante ataque final do adversário, que o venceu por um peito, ambos batendo o antigo mínimo.

Confirmaram-se novamente as excelentes qualidades atléticas do jovem Camões; apresenta-se, porém, insufficientemente preparado

AO GÊMEO que não chegou ao céu

CONFESSO a minha dificuldade em descer ao nível de certas polémicas que substituem o argumento pela decompostura assanhada.

Por mais que queira, não posso; levanta-se em mim uma relutância que vem do meu tempo de menino.

O sr. Fernando Ferreira, diplomado pelo Instituto Nacional de Educação Física, espirrou e esqueceu-se — como mandam as boas regras — de colocar a mão à frente do nariz. Resultado: salpicou toda a gente com grossos perdigotos.

Pela minha parte faço o que manda a higiene: limito-me a sacudir o fato e colocar-me mais distante, para não voltar a ser atingido no caso de novos espasmos.

No entanto, o aspecto técnico do problema que expus — o único que interessa, porque o mais é canto celestial de afinação duvidosa — mantém-se em idêntico plano.

Não importa conhecer ou não o que escrevam, nos seus manuais de conversação ou de interpretação pessoal, os juizes de partida da Arábia, Pérsia ou Índia; aquilo que estabelece doutrina, os preceitos aos quais todos os organismos dirigentes devem obedecer, são apenas os mandamentos arti-

culados no «Regulamento de Atletismo para as provas masculinas de corridas e concursos», editado pela Federação Internacional Atlética de Amadores, cujo artigo 11.º diz apenas: *Haverá falsa partida sempre que uma parte qualquer do corpo de um concorrente tocar no solo à frente da linha de partida, antes de ter sido dado o sinal de largada. O juiz deve avisar o ou os preparadores e excluí-lo ou excluí-los da prova à segunda falsa partida.*

E mais nada. Onde existe aqui base para deduzir que o facto do tiro soar modifica a gravidade da falta? Que consideração podem merecer, em rigor de serena interpretação, os preciosismos fantasistas do sr. A ou do sr. B, que êle more na América ou tenha nascido em Lisboa?

Acrescentei — e mantenho — que essas interpretações sublimis e desviadas do rigorismo da lei têm a aplicação subordinada à educação desportiva do meio. A liberdade é uma oferta perigosa para quem não tem consciência própria para dela se servir.

Seria curioso proceder entre nós a um inquérito junto dos juizes e participantes, sobre o problema das partidas falsas ou verdadeiras nas provas de velocidade pura.

Ponto final. Sem reticências.

SALAZAR CARREIRA

O SPORTING

suspendeu o pagamento de jola na admissão de novos sócios

O Sporting Clube de Portugal resolveu suspender, até o dia 30 do corrente mês, o pagamento de jola na admissão de novos associados.

O F. C. Pôrto

fez um bom jôgo contra o Belenenses

Belenenses ganhou o campeonato de Portugal. E a «Taça de Honra». Em duas linhas, afirmou-se que o popular clube de Belem possui categoria na modalidade, visto que a conquista de dois troféus de valôr não pode ser contestada.

Mas o Vasco da Gama é de uma persistência invulgar. O clube é pobre e não conta com o grande público. Trabalha, por isso, com os seus próprios recursos, com a dedicação de Alves Teixeira, pessoa honesta, inteligente. E não há duvida de que consegue exibir um «basket» de boa escola, igual ou superior ao dos seus adversários. Esta verdade também não pode contestar-se.

No último jôgo da «Taça de Honra», o team portuense poderia ter vencido. Perdeu por quatro pontos de diferença. Também não lhe deminui os créditos esta derrota, na frente de um Belenenses cheio de prestígio, campeão, contra árbitro de Lisboa e público mais ou menos simpático. Diz-se que não pesa o ambiente. Discordamos. O ambiente vale mais do que o campo — e o próprio árbitro, quando êste não tapa os ouvidos...

O Belenenses merece as honras do ano. Acacio Rosa, como Alves Teixeira, estão de parabens. Um vencedor e um vencido. Nestas coisas de desporto, é bem de vêr, só as pessoas de boa vontade devem ter lugar. Acacio Rosa é também um homem que sabe querer e se dedica ao clube e ao jôgo. Por isso há-de ter lamentado, por exemplo, uma agressão que sabemos têr-se produzido na pessoa do presidente do clube portuense e nosso colega da Imprensa nortenha. Por causa do jôgo? Não, com certeza. Mas porque Alves Teixeira, pioneiro sério de uma causa, comentador livre de êrros no campo desportivo, foi malévola e esperada e agredido por um conhecido árbitro de futebol, ainda no terreno do Ateu-neu.

O juiz de campo, afinal, não pode ser agredido — é da doutrina. Mas agride — quando o censuram. E' uma pessoa intangível... ninguém lhe pode tocar!

Mudemos, agora, de cenário. Falemos do «basket» exibido pelo Vasco da Gama e pelo Belenenses. Contrariando a opinião de que o clube de Belem não foi tão preciso na luta, tão elegante no desenvolvimento dos seus ataques, dissemos que isso não conta unicamente no fecho da luta. O Belenenses soube, pelo menos, encontrar o caminho da vitória. E assim se ganha. Num jôgo final — a ideia de chegar à baliza, ao lugar desejado, perturba naturalmente: o jogador, o clube, o público. Tudo isso soube fazer o Belenenses.

Sobre o Vasco da Gama pode dizer-se que continua a saber jogar. Que coisa tão insignificante! Não estamos em presença de um campeão, isso é verdade. O seu «basket» de bom quilate, inconfundível, agrada ao espectador

(Continua na página 15)

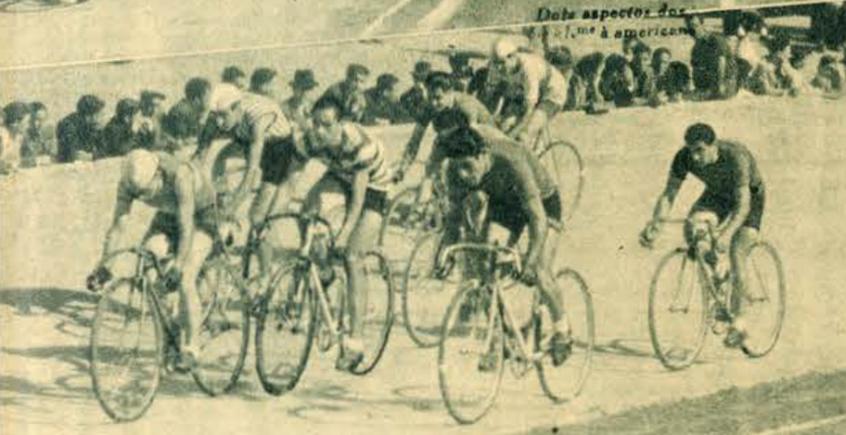
O Festival de Ciclismo e Atletismo no Estádio do Lumiar



Deste aspecto das provas à americana



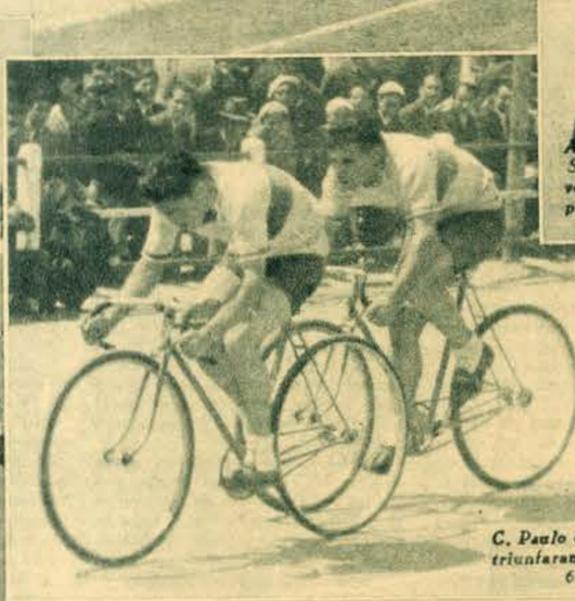
única concorrente feminina que compareceu



A equipa do Sporting vencedora da prova à italiana



M. Rocha e C. Quadros, equipa mista que fez boas provas



C. Paulo e J. Inácio, que triunfaram no critério de 6 voltas



João Rebelo e F. Inácio vencedores dos 50 kl. à americana



Os corredores do Desportivo Iluminante



o director geral de Desportos entrega a Cardoso, capitão da equipa de honra do Sporting, o belo troféu «Taca Imperio»



Alvaro Cardoso exhibe orgulhoso o cobizado troféu...



A equipa do Sporting que estabeleceu o novo «record» dos 10x200



Alvarinho e Camões durante a prova em que estabeleceram o «record» dos 100 metros barreiras



Os novos «recordman» dos 4x100

O Sporting Club de Portugal comemorou durante a semana finda mais um aniversário — o 39.º ciclo da sua actividade consagrado às práticas várias de desporto.

O acontecimento não pode passar sem a referência de congratulação unânime que é devida — pelo passado e pelo presente — ao clube que tanto tem contribuído, pelo seu trabalho bem orientado e pela sua projecção no espírito popular, para a propaganda e progresso da educação física e desportiva em Portugal.

O Sporting tem sabido manter-se sempre a par de outras colectividades congéneres, cujo nome anda também na lembrança de toda a gente quando se comentam os problemas do desporto, na vanguarda de um movimento que o ajudou a arrancar da inércia e o tem acompanhado na marcha progressiva, nela colaborando dia a dia com o seu esforço eficiente.

Colectividade de tradições inextinguíveis, o clube dos «leões» manteve durante toda a sua existência ecletismo notável, contribuindo com a presença dos seus representantes para a captação de simpatias do espírito público para a quasi totalidade dos desportos de campo e de sala praticados no nosso país. Merece ajuda particular realce o seu interesse pela gymnastica educativa e aplicada, com cujas classes tanto brilhou em concursos e demonstrações durante o período áureo de instalação da sede do clube no Palácio Foz.

Animados pelo desejo constante de ampliar o desenvolver o âmbito da existência activa do clube, os actuais dirigentes, que nisso se mostram dignos depositários do empenho de quantos governaram durante trinta e nove anos os negócios sportinguistas — vão enfrentar de forma imediatamente executiva os problemas instantes do campo atlético e da instalação social.

Demonstra assim o Sporting Clube de Portugal a pujança das suas capacidades realizadoras, a firmeza da consciência associativa dos seus filiados, uma e outra baseadas no valor da sua presença desportiva, que continua a enriquecer, com preciosos títulos de glória e significativos trofeus, o riquíssimo património clubista. São de dinâmica mocidade os 39 anos do Sporting, mocidade que a decidida iniciativa dos seus dirigentes, o entusiasmo e dedicação dos seus atletas, a fé dos seus associados, avaliam de longa duração, ao serviço — como desde a primeira hora — do desporto e da juventude de Portugal.

FRANCISCO REBORÊDO

do Desportivo da Corunha

antigo campeão de Portugal
como jogador do Futebol Clube do Porto

encontra-se na capital do Norte
e concedeu uma entrevista à STADIUM

S E bem nos lembra, Francisco Reborêdo apareceu um dia, há anos, contra o Leixões, em Matosinhos. Jogo de campeonato regional portuense. Ninguém conhecia o rapaz—mas todo o Porto o discutia, depois



REBORÊDO, acompanhado de sua esposa, em férias no Porto

do encontro. Tornou-se popular—popularíssimo. Era o «Paco», do F. C. do Porto. O mais alegre dos jogadores, no campo e fora dele. Mas Reborêdo, linda a guerra de Espanha, era forçado a regressar ao Desportivo da Corunha...

O popular clube galego cedera-o por empréstimo ao F. C. do Porto. Reborêdo, filho de pais espanhóis mas nascido na Argentina, estava livre do serviço militar; a Corunha conhecia o seu valor e não queria perdê-lo... Por isso, entregou-o ao cuidado do F. C. do Porto, com a obrigação deste o reenviar quando o conflito espanhol terminasse.

E assim sucedeu. Os portuenses lamentaram o facto. Reborêdo também. Mas tanto o clube como o atleta cumpriram os seus deveres. Francisco Reborêdo, depois de ter sido campeão do Norte e de Portugal (o Porto ganhou ao Sporting, por 2-1, em Coimbra, com ele a avançado-centro), voltou à Corunha, onde ainda joga, em 1.ª categoria.

Casou na linda cidade galega, depois de abandonar Portugal. Agora, por ter uns dias de férias, quis visitar o Porto, o seu antigo clube, os antigos colegas. Artur de Sousa foi sempre o seu ídolo, o companheiro inseparável; Gomes da Costa e Catolino, quando fizeram parte da equipa nacional, contra a Espanha, tiveram

em Reborêdo um amigo; e, sempre que era possível, o simpático atleta procurava conhecer a carreira do F. C. P.

Por tudo isto, Reborêdo foi recebido no Porto com extraordinária simpatia. Parece um jogador de momento.

As 14 horas de certo dia, o «quartel general» do F. C. P. estava «à cunha». As figuras habituais: Artur de Sousa, Jerónimo, Anjos, Fábilo, Mário de Castro... Se estava ali o celebrado «Pingo» — Reborêdo não poderia estar longe...

O jornalista, nestas coisas, tem de se mostrar atrevido. Investigamos. Até que... deu-se o inevitável. Conseguimos ouvir o simpático rapaz.

—Porque está no Porto?—era a pergunta.

—Tinha prometido a minha mulher trazê-la a esta cidade que tão bem me acolheu, onde deixei amigos e da qual levei saudades que nunca mais se desvaneceram.

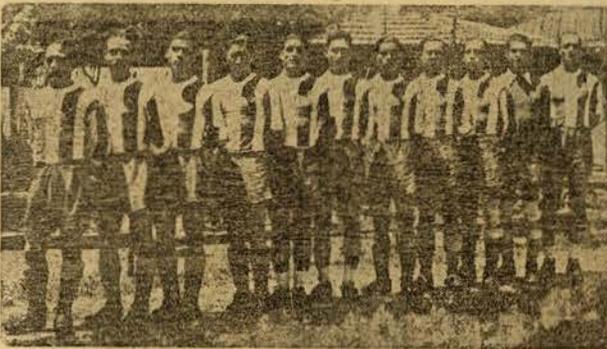
Sua esposa, Cármen Esparza Reborêdo, concluiu a afirmação:

—Em todos os momentos, Reborêdo falava-me do Porto, das amizades que havia obtido aqui, do carinho com que o haviam tratado. Assim nasceu uma simpatia especial.

Falamos, em seguida, do seu clube, o Desportivo da Corunha, e Reborêdo não esconde a mágoa pela infelicidade que acompanha o grupo na última ronda da Liga da 1.ª divisão espanhola.

Ao referir-se aos seus antigos camaradas, teve palavras de saudade para todos, incluindo Acácio Mesquita, de cuja morte teve conhecimento pelos jornais portugueses.

—Na Corunha, os jogadores portugueses de futebol são muito admirados. Para que tenha uma



O célebre grupo do F. C. do Porto, no qual figura Reborêdo

noção desse facto, basta dizer-lhe que, quando estou a jogar, os meus patricios gritam: «Ánda, Pingo!»

Carmencita, a querer demonstrar a dedicação que seu marido tem por tudo quanto se refere ao Porto, afirma:

—Quando do Portugal-Espa-

AINDA BEM!

A Delegação Nacional de Desportos espanhola anunciou, em nota oficiosa do passado dia 13, o completo esclarecimento dos incidentes que perturbaram a seqüência cordel das relações desportivas luso-espanholas.

A pronta resolução do mal-entendido, que agitou durante as últimas semanas o ambiente de franca aproximação estabelecido, com mútuo regozijo, desde Outubro do ano passado, deve-se às diligências do ilustre Delegado Nacional, general Moscardó, e foi comunicada imediatamente, por telegrama e telefonema, para a nossa Direcção Geral de Desportos, com a garantia do completo restabelecimento das estreitas relações que tanto contribuíram para realinhar sólidamente os vínculos existentes entre os desportistas peninsulares.

Ficam por esta forma asseguradas as projectadas competições luso-espanholas de atletismo, natação, remo, vela, tiro, «tennis», etc., que vão dar realce especial ao fim da temporada de 1945.

Congratulamo-nos com a solução tão prontamente encontrada, sobretudo porque, sendo da própria iniciativa do organismo superior do desporto espanhol, certifica o prestígio de que goza junto das entidades superiores desportivas da nação vizinha a Direcção Geral de Desportos de Portugal—e garantem a continuação dos benefícios que em todas as emergências resultam da missão desempenhada em comum pela Comissão Permanente de Intercâmbio, na orientação e esclarecimento de todos os problemas apresentados.

na, durante aqueles dias em que os portugueses estiveram na Corunha, meu marido só ia a casa para dormir... As vezes encontrávamos-nos «en la calle». Dizia-me: —«Ando com os meus amigos do Porto, os meus antigos colegas!» E nem para comer aparecia... Só nos víamos, como já lhe disse, à noite, porque necessitava dormir...

Américo Leão, que acompanha sempre Reborêdo, conta então um episódio quasi desconhecido da maior parte dos desportistas: Por ocasião de um jogo importante que o F. C. do Porto teria de fazer para o Campeonato Nacional, foi à Corunha, para trazer Reborêdo. A notícia correu, e ele, que precisava de óleo para o seu carro, não teve quem lho vendesse. E mais: foi convidado a mudar de idéias pelo governador provincial...

A conversa prosseguia, nestes termos, e veio à baila a última Volta de Espanha em bicicleta.

—Em toda a Galiza, dois nomes andavam na boca das gentes: Délio Rodriguez e João Rebêlo — informa Reborêdo.

—Calcule, diz a galante esposa do nosso entrevistado, que os

o percurso e com as avarias que teve, fez mais do que qualquer outro que entrasse pela primeira vez numa prova do valor da Volta de Espanha. Estou convencido — e é voz geral na Galiza — que João Rebêlo, na próxima vez, já conhecedor da maneira como deve agir, fará uma competição valiosa e errará o triunfo que a «mala suerte» não lhe permitia agora.

Derivou a conversa para outros assuntos. Falou-se no Gomes da Costa, no Catolino, e de novo no veterano Artur de Sousa. Então, Reborêdo afirmou:

—Quando o Artur der a sua festa de despedida, voltarei ao Porto.

—Para jogar?— perguntamos.

—Não!... Para o abraçar no fim da sua carreira. Entretanto, parece que há vontade de se conseguir licença para que Reborêdo envergue a camisola do clube pelo qual tanto batalhou, nessa festa que deve marcar no Porto.

Tinhamos ouvido uns zanzanos sobre a vinda de Reborêdo. Havia quem afirmasse que ele desejava sondar o ambiente... Reborêdo respondeu:

—Não. Não penso em tal coisa. Vim, como lhe disse, encher o coração com o carinho desta boa gente. Tal como outrora, há alguém que me prende em Espanha, na Corunha. E, ao dizer isso, olhou para a sua esposa.

Desejávamos chegar ao ponto principal: «Que motivo impedia o último Porto-Galiza?»

Reborêdo, rapaz inteligente, — percebia alguma coisa. Sorriu. E disse apenas:

— Só posso dizer-lhe que havia extraordinário interesse pelo desafio, em Vigo principalmente. Eu seria apenas espectador. E espectador que não deixaria de dar um abraço a cada portuense — vencido ou triunfante... Eu gosto de Portugal, acredite.

A entrevista estava no fim. Antes, porém, Reborêdo pediu-nos isto:

—Por intermédio da Stadium, peço-lhe que dirija as minhas saudações a Cândido de Oliveira e ao seleccionador português Tavares da Silva. Fazem parte do meu lote de saudades de Portugal!...

MÁRIO AFONSO

dos jogadores novos e velhos

A circunstância, raríssima, de um clube — o F. C. Pórtio — ter utilizado no Campeonato Nacional apenas 20 jogadores ao longo de sete renhidos torneios, serve expressivamente para elucidar da vantagem que há em «refrescar» os grupos.

Esse sintoma é revelador da mingua de recursos, do insuficiente preparação dos grupos. Hoje, os chefes de secção preocupam-se com a conquista de elementos feitos noutros clubes, vive-se do produto de alguns anos de experiências noutras modalidades desportivas e não se criam jogadores nas próprias agremiações onde se revelam estes, preferindo-se a «enxação» ao «handball» de elementos já «queimados» em desportos similares.

Má perspectiva. O «handball» desta cidade (pelo contacto com os clubes da Capital, através dos torneios da Federação, o sintoma é o mesmo) tende a inferiorizar-se pela falta de «renovação». Evidentemente, não se pode viver do passado, que os «celeiros» esgotam, — principalmente no campo desportivo, onde as energias pessoais cedem aos estregos do tempo. Não se deve esperar pela descida de categoria técnica, sob riscos de crise, para se iniciarem novas formações.

Cumpra aos dirigentes ontever essas consequências.

Argumenta-se — efêmera ilusão — que o clube «azul-branco», embora formado pela maior parte de «velhinhos», novamente alcançou o título máximo. É certo; mas, nesta época, mais que em nenhuma outra, se revelou a necessidade urgente de substituições. Os concorrentes mais novos, ainda que sem a experiência das grandes pugnas, aproximam-se — e por vezes suplantam-nos em poder técnico.

É o exemplo do Vigorosa. O grupo está na evolução do desenvolvimento de personalidade e o que, na época passada, foi uma esperança — actualmente é uma revelação — amanhã, sem dúvida, será incontestável realidade.

O «handball» tem faceta própria e não deve recrutar os seus praticantes nas legiões de outros desportos. Vicia-se a sua técnica — e tudo se perde.

Como muito bem se escreveu neste semanário, é para as novas camadas, para os campeonatos de juniores, que devem olhar os responsáveis pelo «handball» português. Ai, sim, está o futuro, o engrandecimento da modalidade.

Nesta cidade, a presente época passou sem a realização de tão útil prova. Preocupados os dirigentes com os torneios de maior espectáculo, esqueceram o de maior interesse para os clubes. Em compensação digladiaram-se a A. H. P. e os seus filiados em lutas estérteis, dedicando intensa actividade a assuntos improdutivos. Esse estado de coisas influiu em todos os sectores de actividade «handballística», desde a associação regional aos clubes, criando na opinião pública e na própria imprensa da especialidade consequente pessimismo.

Segundo consta, o Desportivo de Portugal vai propor, na próxima

ATLETISMO

O «DIA DOS RECORDS»

jornada brilhante para o desporto portuense

A cumprir escrupulosamente o seu programa de trabalho, a A. P. A. fez disputar o «Dia dos Records», que ficou como sendo a mais importante jornada atlética de quantas se disputaram esta época no Pórtio. É claro que para isso contribuiu poderosamente o momento de «boa inspiração» de alguns concorrentes, os quais, embora sem adversário e a lutar contra os cronómetros, conseguiram o objectivo que a organização tinha em vista.

Quatro records foram batidos — um nacional e três regionais — mercê da acção de 3 concorrentes (Sampaio Peixoto, Montalvão e José Madeira), que nos deixaram belamente impressionados e que estão ainda longe de dar o seu máximo. Mas outros deixaram de se bater, devido a factores imponderáveis. Exemplos: Nelson Gomes, no lançamento do disco — juniores — ficou a 10 cm. do record regional, embora durante toda a época demonstrasse capacidade para o conseguir; David Severino, depois de saltar à vara 3,20 m. — com muita mais facilidade que o fez nos nacionais de juniores — esleve à beira de transpor 3,26 m., o que lhe daria o record de «juniores» da especialidade; Armando Albuquerque, que continua a revelar-se como o «dardista» de melhor futuro que nestas duas últimas épocas tem aparecido entre nós, ficou a um metro do record regional, juniores. Herculano Mendes conseguiu a interessante «marca» de 44 metros, mas já o vimos esta época, em treinos, bater o «máximo» nacional (47m,37), que lhe pertence, e de que não andou agora muito distante.

Concluindo: melhoraram-se quatro resultados técnicos e outros tantos estiveram à beira de idêntico sucesso. E daqui, fácil é tirar esta resultante: a pouco e pouco, o nosso atletismo vai-se firmando em «qualidade», como já se firmou em «quantidade».

Para maior brilhantismo da feliz organização da A. P. A., também o público não quis negar o seu con-

assabliã geral da A. H. P. a inclusão do Leça na 1.ª Divisão.

A não ser com a entrada de novos filiados, a 2.ª Divisão ressentir-se-á imenso com isso, perdendo o torneio todo o atractivo.

Matozinhos, como Vila Nova de Gaia, beneficiem com a visita dos bons grupos, quando encontram os seus melhores representantes, mas, automaticamente, o rivalidade local sofre quebra sensível.

Basta recordar o que representava, há anos, a concorrência do Valadares, do Oliveira do Douro e do Coimbrões, na «série» de Gaia, e o Guilhões na de Matozinhos, para vermos os inconvenientes do desmembramento da 2.ª Divisão.

LUÍS MARCOLINO

curso, comparecendo em número elevado.

A organização, como sempre, esteve perfeita, e todas as lutas foram travadas sob ambiente de puro desportivismo.

Como naturalmente se esperava, Sampaio Peixoto foi a principal «figura» da jornada. Nos 300 metros conseguiu o magnífico tempo de 36 s. 1/10, superando o record nacional por 4/10 de segundo. Isto é importante, tanto mais que o atleta correu praticamente contra cronómetro, pois a 100 metros linha já eliminado toda a diferença que vai, à partida, do pista 2 (onde correu) à 6 (onde estava um dos adversários). A sua prova foi na verdade arrebatadora e confirmou radicalmente tudo quanto dele temos dito. Já nos 500 metros — em que ficou a 4/10 do record nacional — Sampaio Peixoto nos pareceu pouco treinado na distância e portanto pouco seguro do andamento a adoptar. E o mal agravou-se ainda mais por não haver adversário à sua altura. Mas não restam dúvidas de que o record está ao seu alcance.

José Madeira, um principiante desta época, apresenta-se como digno sucessor de Herculano Mendes no «completo» lançamento do martelo. Tem intuição rara para a especialidade, possui vontade para estudar e, fisicamente, está apto para o exercício. O seu record regional de juniores (37m,49), para quem começou esta época, elucida claramente das suas possibilidades.

João Montalvão reapareceu. E, segundo as primeiras impressões, pareceu-nos que tecnicamente fez progressos. Como só agora o atleta está a entrar na boa «forma», nos próximos campeonatos nacionais poderemos ajuizar melhor. Contudo, notamos já que os seus saltos estão a ser executados menos em «força» e mais em «souplesse», o que lhes dá aspecto agradável de facilidade. Montalvão melhorou o seu record regional de 3,50m, para 3,52m, e esteve prestes a transpor 3,60m. — «marca» que para esta temporada está bem dentro das suas possibilidades.

Armando Albuquerque continua a mostrar em desmentir aqueles que afirmaram que o lançamento que lhe deu o campeonato de dardo, nacional de juniores, fôra obra do acaso... Depois dos 42,16m., 42,29m., e 43,60m., respectivamente nos regionais e nacionais de juniores, e regionais de seniores, Albuquerque conseguiu agora o «marca» de 44,10m., ficando a pouco mais de um metro do record do Norte-junior, que esta época espera ainda bater em tentativa especial. Da regularidade invulgar, com qualidades naturais apreciáveis e sem treino assíduo, Albuquerque promete ser digno sucessor de Cadete.

Interessante a iniciativa de fazer reviver o salto em altura sem ba-

ALVES TEIXEIRA, director de «O Norte Desportivo», foi agredido em Lisboa pelo sr. Andrade Pinto, conhecido árbitro de futebol.

O facto causou a maior repulsa no meio desportivo portuense, a quem o referido juiz de campo prejudicou de um modo que ficará registado emargamente na história da sua principal colectividade.

BRAGA vai ter o seu Estádio municipal. No Pórtio, entretanto, não foi ainda solucionado um assunto de muita importância para o desporto local: o Estádio do F. C. do Pórtio.

Voltou a esquecer-se o caso? Se é assim, lamentamo-lo sinceramente.

FALA-SE na transferência de A e de B para clubes de Lisboa. Espera-se, entretanto, que tudo isto não passe de boato. Nem os clubes portuenses estão por certo dispostos a ceder, nem os organismos superiores devem consentir no que se anuncia.

CICLISMO nortenho está em crise? O principal clube da cidade, F. C. do Pórtio, que reclama há muito tempo a entrega de uma faixa ganha na corrida Pórtio-Vila Real-Pórtio, não mostra desejos de comparecer na pista. Os seus excelentes corredores Aniceto, Dias Santos e Fernando Moreira comparecem apenas na estrada, nas competições oficiais ou... na pista do Lumiar.

Diz-se também que não lhe importa a permanência de representantes seus na entidade dirigente. Porquê? Haverá qualquer razão a justificar a sua atitude?

GOMES DA COSTA voltará a jogar? O simpático «internacional» consorciou-se há dias, em Chaves, — mas garante-se que não deixará de vestir, algumas vezes mais, a camisola do seu clube.

O F. C. PÓRTIO ganhou novo campeonato: o de «volley». No jogo decisivo encheu-se o campo da Avenida, prova de que esta modalidade vai conquistando público.

CONTINUA a ser comentada a notícia de que o Pórtio só terá dois representantes no campeonato nacional de futebol. Lisboa contará com cinco, e Setúbal e Braga com dois, o que coloca o futebol portuense numa posição subalterna. Enfim...

lanço, cuja disputa foi seguida com manifesto interesse.

Três concorrentes: Álvaro Portela, Americo Queirós e Macieira Dias. O primeiro ganhou bem com 1m,35, e os restantes ficaram a 1m,30. Simpática evocação do passado, que emocionou o recordman regional da especialidade, o nosso bom camarada Roberto Machado... Talvez por isso, Álvaro Portela não conseguiu derrubar a sua «velha» marca de 1,375m, conseguida há 20 anos!

A contar como «máximo», também a equipa do Académico conseguiu um bom tempo na estafeta 10x100 (1m,59; 3/10), que fica o melhor que até hoje se fez em Portugal. Bonita prova e apreciável passagem de testemunhos na equipa académica. E com ela terminou uma das brilhantes jornadas do atletismo portuense, nesta época.

EDUARDO SOARES

O PUGILISMO profissional em cheque

na última sessão do Parque Maier

Crónica de Rafael Barradas

NA sexta-feira, o boxe tropeçou numa data que pode marcar-lhe o fim. Como desporto foi sacudido rudemente e a sua reputação de seriedade, já bastante discutida, sofreu novo abalo. Resta saber — e só pelo tempo fóra será possível averiguar a extensão do golpe — se haverá necessidade de proibir, por prazo indefinido, a realização de espectáculos profissionais, ou se os pugilistas honestos poderão e cuidarão de reabilitá-los. O destino do boxe dependerá deles.

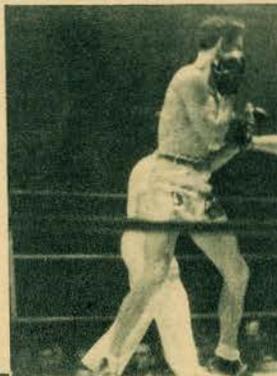
A dúvida subsiste e manter-se-á por largo prazo, mas no nosso espírito desenvolve-se a ideia de pôr cêbre a semelhantes representações.

É forçoso disê-lo: a conduta e o modo de vida de alguns jogadores de boxe desprestigia-os, pondo em foco a sua mentalidade. Quasi diariamente confraternizam ou convivem com pessoas de má escassa reputação e evidente falta de escrúpulos. Compreende-se, logicamente, que essa ausência de bons sentimentos se projecte nas actividades desportivas, reduzindo e anulando-lhes a dignidade, o brío e outras virtudes afins.

Há, como não podia deixar de ser, boas excepções. Existe também o dever de não cegarmos ao ponto de medir tudo pela mesma medida, sacrificando e condenando o boxe pela conduta imprópria de certos elementos indignos. Por isso mesmo, temos reafirmado a natural tendência, de fácil efeito coreográfico, de cair a fundo, com fúria destruidora, sobre os espectáculos, os pugilistas e os árbitros, indistintamente e sem motivo evidente ou forte presunção. Hoje, porém, o caso mudou de figura.

A análise dos combates e combatentes de sexta-feira levamos a principiar pelo *match* Beni Levi — Juanito Martin. O campeão nacional fez papel de principiante atemorizado, em completo antagonismo com o seu passado desportivo e a sua maneira de ser instintiva. Nos seis assaltos e meio que durou o combate, Beni Levi demonstrou tanta falta de brío e produziu tal impressão de insuficiência que, posteriormente, o título de campeão foi-lhe retirado. Só procurou combater depois de publicamente avisado pelo delegado da D. G. de Desportos e o facto de haver tentado cumprir essa ordem salvou-o de perder a totalidade da bolsa. A confiança e o interesse que o seu nome produzia no público, estamos convencidos de que se foram para sempre.

Juanito Martin, para evitar o combate, simulou a luta a meia-distância, fez obstruções, prendeu, sorrou a atmosfera, etc. No

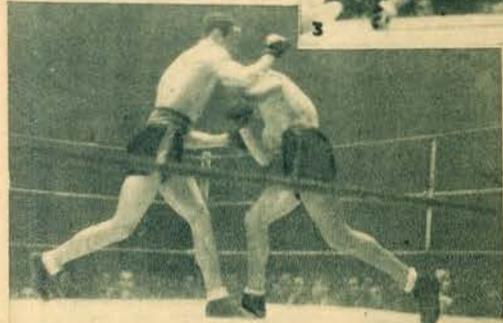


2

Um directo da esquerda de Martin



Beni Levi ao ataque



4

Sousa I atinge o estômago de Lopes

entanto sabemos de *visu* que é bom esgrimista quando quer — e disso deu provas no Campo Pequeno, em 1944.

A conclusão lógica a tirar dos factos é simples e vamos expressá-la em breves palavras: o jogador espanhol *fox ch qué* e escandaloso. Em 6 assaltos e meio não houve, de parte a parte, um *único golpe limpo, forte e bem co-ordenado*. Serão precisos mais elementos de prova e confirmação?

O combate de Augusto de Sousa e Eduardo Lopes foi o que se chama «demonstração». O espanhol, colhido por acaso com um duro «contra» da direita no sobre-olho, ao 5.º assalto, nem por isso acordou do letargo. Já no pôrto o combate entre ambos parece ter sido frouxo e repouso, dando origem a suspeitas de um acordo prévio. Infelizmente chegaram até nós tarde de mais as necessárias informações...

Outro combate, que o público aplaudiu mas cuja regularidade não nos convenceu, travou-se entre Manuel de Sousa (Sousa 2.º) e João Ro-



5

M. França atinge Hita na cara



1

Levi responde a um ataque de Martin

cha (Rocha 2.º). Até ao fim do 3.º assalto, Rocha atacou e dominou. Depois, *noim* *ia mesmo* do 4.º assalto, adoptou a defensiva e esperou as investidas do adversário até final do combate, sem empregar o punho esquerdo uma *só vez*, quando nos assaltos precedentes fora essa a arma principal do seu ataque!

Semelhante atitude de brusca passividade inexplicável, em dois rapazes treinados e jovens, é para nós suspeita.

Falando dos demais encontros da noite, ambos pouco famosos, registaremos a derrota de Miguel França frente a Mariano Hita. O campeão de Portugal fez mau combate e mostrou-se pouco ágil. Os seus melhores golpes foram dados com... a cabeça!...

Hita apresentou-se senhor de mobilidade suficiente para esquivar as tentativas do português e martelá-lo a cara. Se tivesse força de golpe, França deixaria o «ring» muito massacrado.

Jesús Melónez e António Branco fizeram o combate de abertura, em 5 rounds. O espanhol não tem fibra de pugilista mas mostrou-se melhor e foi mais activo. Rocha batalhou com pouco nexo e muita fúria, mas perdeu o combate, sem sombra de dúvida.

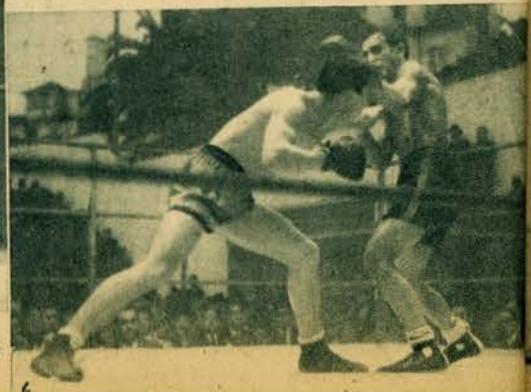
As arbitragens e decisões não agradaram e algumas delas chocam pelo que têm de incorretas.

Há falta de bons árbitros, conhecedores, oportunos e enérgicos. A missão é ingrata e espinhosa, além de que a maioria do público não a respeita.

Resumindo: o resultado do desafio Branco-Melónez foi um *empate* forçado. O combate (?) Rocha-Sousa, apesar da decisão ter sido outro *empate*, pertence a Rocha. Sousa e Lopez deviam ter sido desclassificados por falta de combatividade e França ganhou a Mariano Hita — porque no Estádio Maier havia poucos espanhóis e muitos portugueses...

Não podemos terminar sem nos referirmos a empresário. Manda a lealdade para com o leitor e os deveres da profissão, que o jornalista não oculte nunca o seu pensamento nem a sua verdadeira opinião. Em vinte e cinco anos de actividade quasi ininterrupta e sempre incorrupta, jamais nos desviámos dessa norma.

É cedo para acusar o empresário de se haver mancomunado com os autores das miseráveis exhibições de sexta-feira. Se por um lado tinha grande vantagem em valorizar Beni Levi e os outros boxeadores seus contratados, também é certo que o processo escolhido foi ingénua e flagrante de má fé para pessoa experiente e cautelosa. Em qualquer dos casos, porém, não soube acutelar os seus interesses e a opinião pública uniu o seu nome ao dos actores das comédias representadas no ring do Estádio Maier. Tem razão o público? Evidentemente. Cabe ao empresário, pela sua conduta futura, quer repudiando dos programas estes pugilistas de procedimento duvidoso, quer controlando com rigor as suas actividades fóra do ring, reabilitar-se perante o consenso popular. Até lá, a desconfiança subsiste — apoiada numa série de factos indiscutíveis e desconcertantes.



6

Boa fase da luta entre Sousa II e Rocha II



1



2

LAMAS: 1—O grupo de futebol da Empresa Industrial de Lamas, que tem obtido alguns resultados interessantes. **CALDAS DA RAÍNA:** 2—Após a distribuição de prémios das últimas provas de «tennis» realizadas naquelas terras, durante uma festa no Hotel do Facho, na Foz do Arelho; 3—A equipa de «tennis» de Peniche na sua visita às Caldas, onde fez exibição magnífica. **BARCELOS:** 4—A patrulha de seniores do grupo de escuteiros n.º 13, «Alcaide de Faria», que cultiva o campeonismo com entusiasmo. **FELGUEIRAS:** 5—A equipa de «basketball» do Sport Club de Longra. **S. JOÃO DA MADEIRA:** 6—O grupo do Royal Clube Nogueirense, do Cravo, vencedor da taça «Macielrense», disputada com o S. C. Cezarense. **SETÚBAL:** 7—O Atlético Clube do Bairro Santos, agremiação popular da cidade do Sado. **ALCOBAÇA:** 8—O «team» do Alcobaca Futebol Clube, vencedor da taça «Dr. Cortez Pintos».



3



5



LEITOR: Tem interesse em ver publicada uma gravura referente dum acontecimento desportivo a sua região? Pois convidamo-lo a enviar-nos **★ uma boa fotografia... ★**



7



8

PROVAS DE AGENTUADO VALOR COM LUTAS BASTANTE EMOTIVAS

nos dois últimos festivais de pista

A seqüência havida na organização de provas de pista, que permite a eficácia adaptação dos corredores a semelhante género de competições, e o critério seguido pelo trio Sporting-Illuminante-Lisgás, promotor de tais provas, variando as características destas e constituindo equipas novas, com o fim de tornar a luta mais equilibrada, aumentando a incerteza no desfecho dessas lutas — são factos que estão a proporcionar resultado de grande proveito para a velocipédia. É maior o estímulo dos corredores de segundo plano, que têm agora mais probabilidades de triunfar; é mais elevado o valor técnico das competições; é por vezes maior a emoção das provas; e está também a ser mais bem repartido o número de vitórias colectivas — pormenor de importância capital, como elemento capaz de levar os clubes modestos a preparar e manter em actividade equipas de ciclismo de competição.

Seis clubes que triunfam

Nos últimos dois festivais efectuados na pista do Lumiar — um na passada quarta-feira e outro no domingo — seis clubes saíram vencedores das lutas ali travadas. No primeiro dia o Sangalhos teve nos iniciados Teixeira-Manuel Gonçalves um «dao» de representantes briosos, classificando-se em primeiro lugar na prova perseguição de 30 minutos, com a excelente «marca» de 45 voltas.

Os portuenses Aniceto-Dias Santos-Jorge Moreira levaram para o F. C. do Pórtio um brilhante triunfo na perseguição das equipas, sendo ainda os grandes animadores da prova à americana, na qual Lourenço-Aristides conquistaram para o Sporting mais uma bela vitória.

Finalmente, ao Alano de Apolo — clube de um bairro onde o ciclismo tem tradições — foi adjudicado, por intermédio de Carlos Quadros, um nítido e convincente triunfo nas provas de «handicap», competição que agrada em absoluto e deverá ser repetida, pelo que possal de espectacular.

Volto no domingo a haver equitativa divisão dos primeiros prémios.

O Desportivo Iluminante saiu-se airoso da prova de perseguição para iniciados, onde os jovens Carlos Paulo e José Inácio, rendendo-se quasi com perfeição e entreajudando-se eficazmente, obtiveram um meritório triunfo, cobrindo as 10 voltas da corrida em 3 m. 58 s.

O «alenquerense» Gaspar Paulo, que prestava as suas últimas provas de passagem à categoria de independentes, arrebatou para o Sport Lisboa e Alenquer uma brilhante vitória na corrida individual de perseguição.

Por último, o Sporting, com duas equipas diferentes, uma

constituída por Lourenço-Mourão-Inácio, outra por Inácio-Rebêlo, ganhou primeiro, com raro brilho, a prova à italiana de 9 voltas, e depois a americana de 50 quilómetros.

Nove vencedores em dois festivais, com seis clubes em evidência, é incentivo de valia para quem pretenda trabalhar...

Embalagens que arrebataram o público

Em ciclismo, o maior ou menor mérito das embalagens e a sua menor ou maior emoção não derivam da classe dos homens que as disputam, mas sim da réplica que os adversários deram aos outros. Logo que os corredores latem ombro a ombro, para dirimirem a «questão» nos últimos metros de embalagem, como succedeu no domingo com Carlos Quadros, que teve auspiciosa estreia em independentes, com Inácio, muito combativo, e com José Ferreira e Jorge Pereira, bastante rápidos, sempre que assim sucede — triunfos obtidos por meias rodas e até por escassos centímetros — o espectáculo é emotivo e ganha jus à simpatia do público, mesmo que na luta não estejam envolvidos os dois grandes «sprinters» Lopes e Lourenço.

Estes homens não correram a americana de domingo.

No entanto, os vencedores, Inácio e Rebêlo, cobriram os 50 quilómetros em 1 h. 17 m. 32 s. mais um minuto do que o «dao» Lourenço-Aristides na prova de quarta-feira.

Carlos Quadros — Manuel Rocha, classificando-se em segundo lugar com menos 5 pontos que os sportinguistas, fizeram figura de possíveis vencedores, tal foi o seu bom comportamento. Sem o deslize cometido na última renição, em que Rocha tomou o lugar de Quadros no último «sprint», talvez a vitória lhes pertencesse.

Corredores em evidência

Impressionante o «retorno» de Lourenço na «italiana». Rocha e Jacinto, a lutar contra Inácio e Mourão, conquistaram a estes um avanço de três quartos de pista, levando Jorge Pereira até à roda de Lourenço. Pois este corredor, em três voltas, recaprou não só o atraso, como ganhou ainda uma vantagem de 4 segundos ao homem do D. Iluminante.

Carlos Quadros, quer a «arrancar» de longe quer a «remontar» os adversários em pleno «relevé», mostrou-se capaz de vir a ser um bom «sprinter».

Dada a paridade de valores dos concorrentes à americana, a luta esteve tão equilibrada que só na última embalagem se definiram os primeiros lugares. Tavares da Silva e Ernani, este também novo em independentes, mostraram-se mais combativos do que habitualmente; José Ferreira teve alguns bons ataques; Rocha mostrou-se à vontade;

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

Os campeonatos de Lisboa de atletismo, estimulados este ano particularmente pela gorada

perspectiva do encontro com os madrilenos, tiveram excelentes resultados, que são a melhor prova dos progressos em profundidade e expansão conseguidos pelo trabalho dos últimos anos.

Desde o início da temporada registaram-se já, por exemplo, marcas superiores a 6,20 m., em comprimento, a dez saltadores, e nove outros passaram em altura o metro e setenta.

Só no final da temporada será possível fazer o balanço exacto das nossas forças activas e do caminho percorrido, mas alguns números significativos podem apresentar-se desde agora. Os que seguem mostram como tem evoluído nos últimos cinco anos o nível superior do atletismo lisboeta.

Traduzindo em pontuação finlandesa as marcas dos 22 campeonatos regionais (atribuindo às cinco estafetas a equivalência da média por percurso) e procurando depois a média geral, encontramos os valores seguintes: 1941 — 674 p.; 1942 — 677 p.; 1943 — 678 p.; 1944 — 699 p.; 1945 — 730 pontos.

Assim, observa-se que a melhoria é constante, mas irregular de ano para ano e de nítida intensificação nas épocas mais recentes: sucessivamente mais 3 pontos, 1 ponto, 21 pontos e 31 pontos.

Comparando ainda os resultados dos vencedores de 1944 e 1945, encontram-se marcas superiores este ano nas 12 corridas planas, salvo em comprimento e triplo, iguais nos 400 m. barreiras, altura e vara, e inferiores nos 110 m. barreiras e nos quatro lançamentos.

NO ESTRANGEIRO

A França e a Bélgica mediram forças, há poucas semanas, num encontro de atletismo, do qual o

primeiro destes países saiu nitidamente vencedor, como era de antemão presumível.

A classe do atletismo francês, que se manteve sempre na vanguarda do desporto europeu, nunca o melhor mas um dos melhores, sofreu naturalmente a influência regressiva do longo estado de guerra e das privações por elle determinadas, mas nunca se deixou por completo abater e manteve actividade persistente, que se traduziu, da boa maneira, pelo melhoramento de alguns «records» nacionais.

Os atletas franceses possuem valor acima dos valores peninsulares e a sua exibição em qualquer país será sempre motivo de vivo interesse e proveitosos ensinamentos.

Justifica-se, assim, a expectativa despertada pela notícia das diligências encetadas pela nossa Federação no intuito de conseguir a vinda a Portugal de um núcleo de especialistas franceses, que tomariam parte em dois festivais atléticos internacionais, destinados a substituir no programa da época o encontro com a Espanha, comprometido pela atitude dos poderes desportivos vizinhos, em relação ao Lisboa-Madrid.

O projecto tem as maiores probabilidades de êxito, pois conta com o apoio da Direcção Geral de Desportos, que o sugeriu à Federação Portuguesa logo a seguir a ser conhecida a esquiwa dos madrilenos. Como é de supor que seja favorável também o parecer da Legação de França, a perspectiva do final da temporada de atletismo anima-se inulgarmente e dá aos campeonatos portugueses o melhor estímulo para a sua preparação cuidadosa.

Mourão, um pouco «emperrado»; e Aristides menos brilhante do que habitualmente.

No conjunto, o festival agradeu, mesmo sem a presença dos franceses, anunciados para correrem, mas que, devido ao atraso do barco em que vinham, não chegaram a tempo.

Elegante a pedalar e graciosa de maneiras a gentil sportinguista Mariana Fernandes, que fez uma prova de 5 voltas no tempo de 4 m. e 32 s.

GIL MOREIRA

Tiro ao arco

Prova «Major Oom»

No Ginásio Clube Português começa hoje uma prova de tiro ao arco, inter-sócios, denominada «Major Oom», em homenagem ao seu ilustre presidente. É disputada com alvo de 80 cm., a 10 metros, em séries ilimitadas de 4 flechas, com a classificação feita pelas melhores séries. Serão atribuídas medalhas aos três primeiros classificados.

O BELENENSES

e a sua equipa de «rugby»

O Belenenses oferece hoje, na sede, às 21 horas, uma recepção à sua equipa de «rugby», que conquistou recentemente o campeonato de Lisboa.

ASSINEM A «STADIUM»

20, Marinha Grande-Sangalhos; 21, Sangalhos-Lourinhã; e 22, Lourinhã-Lisboa.

A partida para a etapa é dada às 14,30, na pista do Lumiar.

VIANA DO CASTELO

pode ser um admirável centro desportivo

AGORA cabe a vez à linda cidade minhota de Viana do Castelo. Tem um clube de tradições — o Sport Clube, hoje treinado pelo dr. Alberto Gomes, que já lhe pertenceu antes de ingressar na Associação Académica de Coimbra. O Vianense, há muitos anos, batia-se orgulhosamente contra os clubes do Norte. E possuía admiráveis jogadores: Gama Lôbo, avançado-centro, Ramiro, um guarda-redes de admiráveis qualidades, Dario, etc. O seu rival: Sporting Clube de Braga...

Mas o Vianense recebia no seu campo algumas das melhores equipas portuguesas. No campo de Monserrate, jogaram bons grupos de futebol — o Sporting e o F. C. Porto disputaram ali uma final, nos tempos em que a província era considerada, final essa que deu a vitória ao popular clube nortenho, como é dos livros.

Os habitantes da beira Lima, gostando do desporto, animaram o seu principal agrupamento. Este, além do «tennis», impôs-se nas provas náuticas — especialmente em natação. Em Viana do Castelo chegou a jogar-se bem o «water-polo». Depois, o «tennis» — e o remo.

No remo, porém — há quem se queixe de certa indiferença. O Clube Náutico de Viana possui atletas de fibra, praticantes entusiastas, boas dedicações — mas não tem acompanhado, por exemplo, o belo esforço de um clube vizinho — o Sporting Clube Caminhense.

Em Viana do Castelo registou-se ultimamente um agradável movimento em favor do desporto. Do futebol, em especial. O Vianense melhorou muitíssimo com a entrada do dr. Alberto Gomes, de Leonel, Baptista, Florêncio e agora de Maíato, ex-elementos da Académica, «Ca» e F. C. do Porto.

Mas deve esperar-se mais de Viana do Castelo. A nossa revista procura elevar o desporto da província. Por isso, daqui se diz aos vianenses que não chega o que está feito.

A princesa do Lima possui um belo rio. A natação e o remo — são desportos que já conhece. E no handball, patins, atletismo, «basket», «tennis» e outras modalidades, não poderia impor-se também?

Aqui fica o desafio. E um desafio da revista Stadium — que se diz: convite a trabalhar pela educação física nacional.

Taça Silvão Loureiro

Luis Beltrão, do C. N. E. foi o vencedor individual

DISPUTOU-SE na última quinta-feira a «poule» final da taça «Silvão Loureiro», instituída pelo Lisboa Gimnásio Clube em homenagem ao antigo presidente da Federação de Esgrima.

Entre os finalistas, o conhecido internacional-olímpico Henrique da Silveira foi lançado a desistir, em virtude de se lhe terem inutilizado tôdas as espadas que reservava para esta «poule».

Quando os restantes oito concorrentes completaram os assaltos, houve que estabelecer os quadros de classificação regulamentares nesta emergência — e o apuramento previsto para o caso pôs frente a frente os atiradores Luis Beltrão, do C. N. E., e Jorge de Paiva e Pona Franco, do L. G. C. A vitória do primeiro deu-lhe o 1.º lugar da classificação individual.

A posição dos outros finalistas não ficou decidida, devido a uma divergência de critérios na interpretação do regulamento da F. I. E. A sala organizadora submeteu o assunto à F. P. E., que sobre ele vai pronunciar-se e esclarecer definitivamente este pormenor, após o que terão de se electuar os assaltos necessário para conclusão do torneio.

A prova e a maneira como decorreu merecem alguns comentários, que a falta de espaço nos obriga a transferir para a próxima semana.

Basketball

(Continuação da página 7)

que vê o jogo pelo jogo. Perde muitas vezes, e perdeu agora de novo em terrenos de Lisboa. Injustamente? Não se acredite. Se o desporto conta apenas como escola de aptidão técnica e física, o grupo portuense — ganhou. Como assim não costuma suceder, foi batido pelos números e pela voz de um senhor que se chama Belenenses, brioso, sabedor destas coisas, destes segredos do «basket».

Não custa nada dizer isto. Até sabe bem prestar justiça, principalmente quando se está em presença de dois clubes responsáveis, inteiramente dedicados a um desporto que muito agrada às multidões.

— Para fecho da época, um Belenenses-F. C. do Porto, que se esperava há 2 anos, como final do «torneio dos 8», organizado pelo S. C. Vasco da Gama, do Porto. A equipa do Belenenses ganhou por 38-34, mas o conjunto do F. C. do Porto não desagradou. Os portuenses chegaram mesmo a impressionar o público e os adversários.

— O Vasco da Gama, em jogo-

Nas provas de domingo

distinguiram-se Guilherme Patroni e João Franco do Vale

NO Sport Algés e Dafundo continua a trabalhar-se em profundidade. Outra opinião não podia recolher-se em relação ao festival de domingo. O popular clube tem gente a nadar — como nunca teve. Há realmente ali um trabalho sério e metódico por parte de dirigentes e instrutores. E, o Algés, tornando estóticamente certos reveses, prepara-se para retomar a posição de há poucos anos. Para isso conta com os seus jovens, como Guilherme Patroni, que teve no domingo aos 100 metros admiráveis de «souplesse», no «tempo» magnífico de 1 m. 7 s., ou como João Franco do Vale, outra magnífica revelação dos últimos tempos. Vale tem quinze anos e percorreu os 100 metros-costas em 1 m. 20 s. 2/10, além de um belo «sprint» de 33 metros-livres. Trata-se, pois, de outro elemento que tudo indica poder tornar-se num verdadeiro campeão, embora, como é natural, tenha de corrigir e aperfeiçoar determinados pormenores técnicos.

Nas provas de selecção com vista ao encontro Portugal-Espanha, temos a salientar a bela vitória de João da Silva Marques nos 200 metros-braços, em 3 m. e 9 s. Silva Marques continua, pois, na brecha, disposto a manter os seus créditos de campeão consagrado. Artur Mendes Silva, o jovem estorilense, não ficou longe: 3 m. 9 s. 1/10. Foi, no entanto, inferior no pormenor estilo.

Mendes Silva teve a «sua» prova nos 100 metros-costas. Ganhou — e bem. E o «tempo» dá-lhe o segundo posto na escala dos melhores portugueses: 1 m. 17 s. 4/10.

Baptista Pereira e Belmiro dos Santos — dois tipos de nadador completamente diferentes — evidenciaram-se nos 400 metros-livres. O primeiro, pelo «tempo» regular obtido — 5 m. 31 s. 6/10, o segundo pelo pormenor técnico, pela maneira como conduzia a prova, em «crawl» de princípio a fim, com uns bons 100 metros iniciais, em que tocou primeiro, com 1 m. 12 s. 7/10.

A. T.

—repetição do campeonato nacional de juniores, voltou a ganhar ao Olivais, agora por 34-28. Quere dizer — o Vasco da Gama, definitivamente, conquistou o título.

— Do campeonato nacional ainda se fala... Em Coimbra, o Belenenses arrumou definitivamente a questão que estava ainda ao de cima. O Vasco da Gama, mesmo que venha a ganhar o seu recurso, não passará de segundo. O Belenenses segurou bem o título...

E, agora — até à nova época!

Notas e novidades

que interessam à província

ALGOZ — O Sport Lisboa e Algez comemorou o 7.º aniversário da sua fundação. Além de vários jogos de «basket», «volleyball» e futebol, efectuou-se uma sessão solene, presidida pelo sr. Mário Trindade.

BRAGA — Casou alvoroço a notícia de que Teixeira, o popular jogador do Benfica, ingressaria na próxima época no Sporting Clube de Braga. Para tratar do assunto foram a Lisboa Alberto Augusto e A. Nunes Guimarães, treinador e presidente do Sporting.

FAMILIÇÃO — Consta que o Familiarão será reforçado na próxima época com os jogadores Pires, Brito e Álvaro Pereira, do Fostoros o último e os dois primeiros do Benfica.

Nesta vila acredita-se que o Familiarão possa defender com êxito a sua entrada no campeonato nacional.

LAGOS — Em disputa da taça «Jornal de Notícias», jogaram nesta vila as equipas do Marítimo e do Esperança. Venceu o Marítimo por 3-2.

MELGAÇO — O Sporting e o Comercial exibiram-se no último dia da época, num desafio de futebol que foi renhidamente disputado. Os sportingistas conseguiram vencer por 3-2.

TONDELA — Casou a melhor impressão a local «O que se passa em Viseu»? Vários desportistas desta vila mandaram vir de Coimbra mais exemplares da Stadium, a cuja acção tecerem os melhores louvores.

Em Amarante UM TORNEIO DE ATLETISMO

no qual será disputada a taça EDUARDO SOARES

No distrito do Porto, excluindo a própria cidade e Vila Nova de Gaia, só em Amarante se pratica o atletismo. Outros centros, que pretendem situação de evidência no panorama desportivo nacional, limitam-se, erradamente, à prática exclusiva do futebol.

Os amarantinos, porém, guiados pela mão segura do íntegro desportista que é o sr. Engenheiro Manuel Van-Zeller, não escolheram o mesmo caminho — e ei-los por isso volados, com todo o entusiasmo, a uma obra que é já notável e que promete magníficos êxitos.

O Amarante F. C. — que apesar de tudo também possui um team de futebol que é dos melhores da «promoção» — dedica-se aos cursos da ginástica, aos jogos de «volley», ao «tennis», e à prática do atletismo. Vive para o desporto dentro do melhor critério. É um exemplo!

Como resultante do seu entusiasmo pelo atletismo, o Amarante F. C. vai organizar no próximo domingo, dia 22, um importante torneio, o que concorre mais de meia centena de praticantes, representando o F. C. do Porto, Académico, Vigoroso, Vilanovense e Académico de Braga.

A equipa vencedora será conferida a taça «Eduardo Soares» — homenagem que os amarantinos vão prestar a este nosso camarada, que na especialidade ocupa posição de relevo e pela qual tão devotadamente tem trabalhado. Aos primeiros classificados de cada prova serão atribuídas artísticas medalhas.

Ano II — III Série Lisboa, 18 de Julho de 1945 N.º 137

Stadium Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REVISTA DESPORTIVA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º TELEFONE 51146 — LISBOA

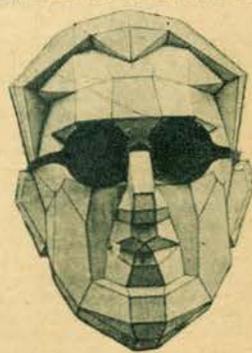
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

Director e Editor: Dr. GUILHERMINO DE MATOS

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



O ANIVERSÁRIO DO SPORTING — Na sessão solene na Casa do Alentejo: 1 — Mário Piastachini evoca tempos passados; 2 — Félix Bermudes profere a saudação do Benfica; 3 — O dr. Bento Coelho da Rocha ao entregar a Peyroteo a sua medalha. **ESGRIMA**: 4 — O sr. coronel Silvano Loureiro com os finalistas da taça que tem o seu nome. **TENNIS**: — Os jogadores que receberam prémios na distribuição feita há dias pela F. P. L. **T. PESOS E ALTERES**: — Eraceto Sales em pleno esforço — que lhe deu dois novos records nacionais. **NO PORTO**: 7 — A equipa de juniores do Vasco da Gama, campeão nacional; 8 — A largada para as provas de selecção das velejadoras que nos representarão em Espanha



GIL OCULISTA
 FUNDADA EM 1865
 Depositária das lentes ZEISS
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 138, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 22629 LISBOA